

Tribuna Operária

ANO V - Nº 180 - DE 13 A 19 DE AGOSTO DE 1984

Cr\$ 400,00

Para liquidar o arbítrio: TANCREDO GARANTE CONSTITUINTE EM 86



Foto Carlos Namba

PDS apela para vale tudo na Convenção-orgia

Até parece que Maluf e Andreazza fizeram uma aposta entre si para ver quem oferece mordomias mais escandalosas para comprar votos na convenção do PDS. Na ânsia de serem eleitos para candidato do continuísmo, usam hotéis de luxo,

passagens de graça, terror político e as tristemente famosas malufetes e andreazzetes, além da propaganda na televisão, julgada ilegal pelo Tribunal Superior Eleitoral.

Leia na página 3.

Ao lançar oficialmente a candidatura Tancredo Neves, este domingo, a Convenção Nacional do PMDB abre uma fase nova na lenta agonia do regime militar. Oposicionistas comprometidos com o povo se empenham em explicitar os compromissos democráticos e patrióticos do futuro governo, que permita ampla mobilização de massas em favor do candidato.

Página 4

Líder da CUT goza mordomias de Andreazza

Está num hotel de luxo, no DF
Pág. 5

EDITORIAL

Campanha de massas

Revestem-se da maior importância a formalização da Aliança Democrática e o lançamento oficial do governador Tancredo Neves como candidato das oposições à Presidência da República. É o marco inicial de uma campanha política que deverá se converter, nestes cinco meses, numa vibrante arrancada de massas contra o arbítrio imperante no país há vinte anos.

Tanto na fala do candidato no ato de lançamento, como no documento assinado pelo PMDB e pela Frente Liberal, destaca-se a formulação veemente em favor de uma nova Constituição a ser elaborada pela Assembléia Nacional Constituinte eleita em 1986. O próprio discurso de Tancredo na ocasião — de conteúdo liberal, como não podia deixar de ser — constitui uma plataforma afirmativa no sentido da democracia.

Os trabalhadores reivindicam da candidatura pronunciamentos mais definidos em relação à conquista da mais ampla liberdade política e sobre o tratamento da dívida externa. São problemas-chaves, que exigem soluções corajosas. Mas de qualquer forma o povo não pode se iludir pensando que as grandes questões serão resolvidas nas cúpulas e nos acordos formais. A mobilização popular é que poderá dar um colorido combativo à campanha e, mais do que isto, obter do candidato, e do futuro governo democrático, definições e medidas concretas que correspondam aos anseios maiores dos trabalhadores e da nação.

A criação de comitês de mobilização popular em apoio ao candidato único das oposições, em cada local de trabalho e de moradia, vai desempenhar papel fundamental na batalha contra o continuísmo dos generais. A própria Aliança Democrática, que por ora aparece apenas como uma composição do PMDB e da Frente Liberal, deverá sofrer transformações. No curso da luta deverá ser engrossada por todos os partidos, organizações e

entidades democráticas e populares.

A campanha deve ganhar as ruas, as fábricas, os bairros populares. Para cumprir os objetivos democráticos o candidato terá que participar de novos e mais vigorosos comícios, dando continuidade ao movimento das diretas-já. Desta forma Tancredo Neves terá o respaldo de massas para derrotar as manobras do governo e, ao mesmo tempo, os trabalhadores conquistarão espaço para intervir positivamente na luta pela liberdade.

A partir deste fim de semana a sucessão toma contornos mais nítidos. De um lado, as oposições caminham para uma unidade mais sólida, em torno de um candidato único e com um programa que vai tomando feição democrática afirmativa. De outro lado, o governo aparece representado pelo rei da mordomia e da prepotência, escolhido em uma convenção que é bem o retrato do regime. O encontro do PDS é um mar de corrupção e degeneração, uma disputa incontrolável por cargos e privilégios, sem nenhuma mensagem.

Com a vitória de Tancredo as oposições não visam apenas a restauração do direito das eleições diretas em todos os níveis. A Assembléia Constituinte terá certamente a tarefa de consagrar esta conquista democrática. Mas para levar até o fim a batalha em curso, os trabalhadores exigirão um novo governo, de plena liberdade, em que o povo discuta e se organize para decidir sobre os destinos do país.

A unidade de todos os que se opõem ao regime militar, a participação ativa da classe operária e das forças populares na campanha do candidato único serão as garantias reais de que seus objetivos não ficarão nas palavras e de que o combate não se interromperá no meio do caminho. A luta pela democracia não será fácil. Sua vitória depende fundamentalmente da mobilização e da organização dos trabalhadores.

Encontro Popular do Ceará toma posição pró Tancredo

Sindicalistas, líderes de bairro e estudantis e políticos de oposição examinam quadro político e fazem suas propostas de programa. Pág. 3



Universidade cai aos pedaços

Ex-presidenta da UNE denuncia política de terra arrasada do governo na área universitária. Pág. 5



A Polícia Militar penetra na selva, após o último tiroteio na área

Conflito por terra ensanguenta o Pará

É o maior conflito fundiário do país. Entrevista com o "gatilheiro" que lidera a resistência na Cidreira. Pág. 10

Uma visita que incomoda a URSS de Tchernenko

Alemanha Oriental flerta com RFA. Pág. 2

Americano impõe monopólio do ouro nas Olimpíadas

Tudo foi montado para competições serem uma galinha morta para os EUA. Pág. 8

Hipocrisia contra prefeito popular da cidade de Embu

Arapuca montada pela grande imprensa revoltou o povo brasileiro. Página 4

Alemanha Oriental aprofunda as divergências com a URSS

Nas últimas duas semanas, os dirigentes da União Soviética e da Alemanha Oriental vêm se digladiando num acirrado “bate-boca” através de suas imprensas oficiais. A Alemanha Oriental, tida até aqui como firme aliada da URSS, vem assumindo atitudes “rebel-des”.

O pomo da atual discórdia entre Moscou e Berlim é a crescente aproximação das duas Alemanhas. De fato, as relações diplomáticas e econômicas entre a Alemanha revisionista de Erich Honecker e a Alemanha do conservador Helmut Khol têm se tornado cada vez mais amigáveis nos últimos meses. O governo de Bonn acaba de liberar um crédito de 1 bilhão de dólares para ajudar a Alemanha Oriental a pagar os juros e serviços da sua dívida externa de 10 bilhões de dólares. Em troca, os revisionistas suspenderam algumas restrições a viagens entre os dois países.

Anteriormente a Alemanha Ocidental já havia dado luz verde para poderosas multinacionais, como a Volkswagen e a Siemens, instalarem empresas mistas na Alemanha Oriental. E agora, em setembro, Honecker deve visitar a Alemanha Ocidental. Será a primeira visita deste tipo entre os dois países, desde o final da II Guerra Mundial, há 39 anos.

VIA “INDEPENDENTE”
Do lado da Alemanha Ocidental, esta aproximação com Berlim obedece a interesses estratégicos bem definidos. Há algum tempo, os dirigentes da Alemanha e de outros países da Europa Ocidental buscam



Honecker: criticado pelos chefes do PCUS

explorar maiores laços econômicos com o bloco soviético para escapar ao ditame norte-americano. Esta busca de uma via mais “independente” se acentuou sobremaneira nos últimos anos da administração Carter e após a eleição de Reagan nos Estados Unidos. Enquanto Washington insiste na escalada do confronto nuclear, os dirigentes europeus ocidentais optam por uma política mais a médio prazo, de minar o bloco soviético, criando laços de dependência econômica, financeira e tecnológica.

Dentro desta perspectiva, os dirigentes alemães ocidentais, em particular, nutrem esperanças de uma reunificação da Alemanha sob hegemonia de Bonn. Isto reforçaria enorme-

mente as posições do imperialismo alemão na disputa mundial, o que não é visto com bons olhos pela Casa Branca. Por isso Washington criticou duramente o empréstimo de 385 milhões de dólares concedido por Khol à Alemanha Oriental no ano passado. Mas em relação à atual aproximação Bonn-Berlim, os EUA têm se mantido em silêncio. É que, na linha do confronto, interessa alimentar ao máximo a rebeldia alemã oriental para debilitar o Pacto de Varsóvia.

Já do lado soviético os atritos se multiplicam. Por duas vezes a direção do PCUS veio a público condenar a política de Honecker nas páginas do Pravda. Os revisionistas soviéticos são hoje atingidos por seu próprio feitiço. Desde a

década de 60, os dirigentes do PCUS vêm promovendo a reintegração da sua economia ao sistema capitalista, com o objetivo de se fortalecer como superpotência expansionista.

NA TRILHA DO “CHEFE”

Ao buscar créditos e acordos no ocidente, a Alemanha Oriental e demais países do bloco soviético não fazem mais do que seguir os passos do “chefe”. Só que as potências ocidentais possuem um poderio econômico bem maior que a URSS. Esta tem de se valer da supremacia militar para manter sua hegemonia no bloco. O resultado é que os aliados do Krêmlin, em meio a uma profunda crise econômica, buscam mais apoio no capital ocidental. E atrás da “ajuda”, vêm os laços e compromissos políticos que provocam a desagregação do bloco soviético.

O episódio atual da Alemanha Oriental revela a profundidade desta desagregação. Berlim era considerada até aqui como uma das mais firmes aliadas de Moscou. A direção revisionista da Hungria (que até já filiou seu país ao FMI) saiu em defesa de Honecker. A Romênia vem adotando uma linha “independente” há mais tempo — e está até furando o boicote soviético às Olimpíadas de Los Angeles. Já a frágil fidelidade da Polônia só foi mantida às custas de um golpe militar e reiteradas ameaças de invasão. Eis a consequência de duas décadas de traição revisionista no antigo poderoso campo socialista, erguido com sangue e heroísmo após a derrota do nazifascismo, na II Guerra Mundial. (Luís Fernandes)



Videla teve sua prisão anunciada

Argentinos cobram mais firmeza contra terrorismo militar

O anúncio da prisão do general Jorge Rafael Videla mostra que o governo de Raul Alfonsín está sendo forçado a avançar mais alguns passos na direção da apuração e punição dos crimes cometidos durante os sete anos de terror militar na Argentina.

Videla presidiu a Junta Militar que governou o país durante os cinco primeiros anos do regime. Outro membro da Junta, o brigadeiro Orlando Agosti, também foi preso na semana passada. Os dois são acusados de envolvimento com a tortura, ao lado do almirante Emilio Massera (detido há mais de um ano).

Essas decisões resultaram das pressões que as entidades de defesa dos presos e desaparecidos da Argentina vêm exercendo sobre o governo, anulando as contrapressões dos militares e das forças reacionárias, que não desejam nem a apuração, nem, muito menos, a punição dos crimes do regime.

Logo no início do mês de julho, o presidente argentino Raul Alfonsín teve de afastar o chefe do Estado-Maior do Exército, general Jorge Arguindegui, e transferir para a reserva três outros generais, para diminuir a resistência às investigações que vêm sendo efetuadas. No mesmo dia em que Alfonsín procedia à limpeza no comando das Forças Armadas, a televisão exibiu, na Argentina,

o programa “Nunca Mais”, que apresentou as conclusões de investigações realizadas pela Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas sobre as atrocidades cometidas pelos militares (veja TO nº 178).

Os militares, insatisfeitos com a marcha dos acontecimentos, têm recorrido, como de hábito, inclusive ao terror para tentar desestabilizar o governo Alfonsín — no dia 7 de julho colocaram uma bomba no prédio da Administração Geral de Obras Sanitárias, na cidade de La Plata, 61 quilômetros ao Sul de Buenos Aires, que foi desativada por especialistas.

No entanto, apesar de alguns atos de boa vontade do governo Alfonsín, nem tudo indica que ele está disposto a ir muito longe na investigação dos crimes praticados durante o regime militar. Na semana passada, os jornais chegaram a noticiar a possibilidade de que seu governo venha a decretar uma “anistia” para os militares envolvidos com a repressão.

Por outro lado, as Mães da Praça de Maio voltaram a criticar o governo por não agir com mais energia na investigação dos “desaparecimentos”. O fato é que Alfonsín ainda oscila entre a apuração rigorosa do que os democratas consideram “o maior genocídio da história argentina” e a conciliação com os militares.

Repressão na greve dos mineiros britânicos

Os combativos mineiros britânicos estão para completar 6 meses de greve contra as medidas do governo de Margaret Thatcher de fechar 20 minas na Grã-Bretanha. Com o fechamento das minas, 20 mil operários ficarão desempregados. Para barrar o desemprego, no início do ano os mineiros paralisaram o trabalho e vêm travando uma das mais valorosas

lutas trabalhistas da história do reino inglês. Insensível às reivindicações dos operários, Thatcher lança sobre os grevistas a repressão violenta. Na semana passada elevou-se para 5.200 o número de grevistas detidos desde o início desta luta pelo trabalho. A greve, contudo, continua. E os enfrentamentos dos operários com a polícia também.

Demagogia ianque no Timor Leste

O Timor Leste voltou a ser notícia na imprensa burguesa. Tão zelosa em silenciar sobre os êxitos da luta de libertação nacional nessa ilha, as agências noticiosas imperialistas tratam de divulgar agora “apelos em defesa dos direitos humanos” no Timor, partidos dos EUA. Sobre a situação real do país, contudo, nada é noticiado.

O Timor Leste vive a dominação estrangeira há 500 anos. Formalmente, até hoje o país é uma colônia de Portugal — como o foi o Brasil até 1822. Quando o império português estava se esfacelando, no início dos anos 70, o povo mau- bere sentiu a possibilidade de, finalmente, ver-se livre da do-

minação forânea. Após os acontecimentos de abril de 1974 em Portugal, as colônias que formavam o império lusitano começaram a obter a independência formal.

Esse processo iria beneficiar também o Timor Leste onde, em 11 de setembro de 1974, fundou-se a Frente Revolucionária

do Timor Leste Independente (Fretilin), que em pouco tempo galvanizou o apoio popular. A Fretilin estava para assegurar o poder do país quando, em 7 de dezembro de 1975, a Indonésia invadiu o Timor. Desde então, a ditadura do general Suharto castiga a ilha. Mais de 200 mil, dos 600 mil mauberes, morreram em combate, sob tortura ou de fome, nesses quase nove anos.

IMPERIALISMO IANQUE

Um dia antes de as tropas de Suharto atacarem o Timor Leste, o ditador indonésio recebeu a visita do então presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, acompanhado de seu secretário de Estado, Henry Kissinger. O imperialismo ianque acabara de sofrer penosa derrota no Vietnã, e resolveu usar seus fantoches para esmagar o movimento de libertação maubere. Com a aventura militar, visava também reforçar um pouco mais, internamente, o regime de Suharto, que já enfrentava cres-

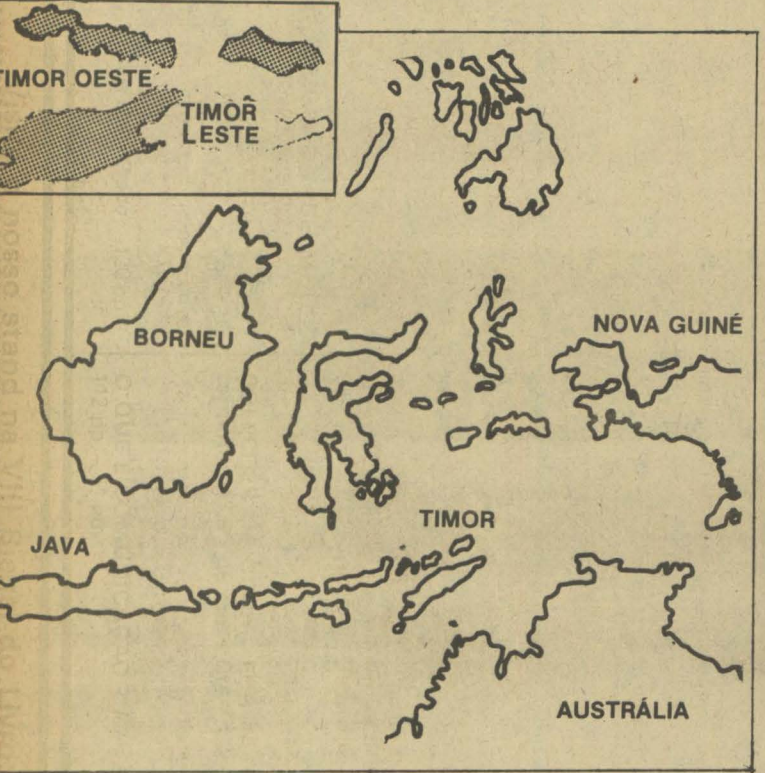
cente oposição em seu próprio país.

Para o povo do Timor Leste, os sofrimentos foram agravados. Os próprios habitantes da ilha comentam que “diante do colonialismo português, o Timor era uma imensa favela. Com a invasão indonésia, tornou-se uma imensa prisão”. Armado e subvencionado pelos norte-americanos, Suharto tratou de impedir que qualquer notícia sobre a situação na ilha saísse do Timor. Mesmo assim, de vez em quando “escapa” alguma informação oficial. Assim, os invasores chegaram a se vangloriar, certa vez, de que na ilha “apenas três”, em cada dez habitantes, vivem em condições abaixo da linha da pobreza...As Forças Armadas também confessaram, certa feita, que quase só se locomovem de helicópteros no Timor, pois a guerrilha popular liderada pela Fretilin vem, ao longo dos anos, dominando a maior parte dos quase 15 mil km² da ilha.

REPRESENTANTE DO POVO

No processo de resistência, a Fretilin reafirmou-se mais e mais como a autêntica representante do seu povo. A luta guerrilheira tem vencido as dificuldades criadas pelos invasores, e ganho adeptos no seio da população. Visando esmagá-la, o exército indonésio lançou em maio último uma ofensiva de 14 mil soldados contra o povo maubere. As atrocidades cometidas pelos invasores ecoaram na Organização das Nações Unidas, onde o representante da Fretilin, José Ramos Horta, anunciou que a Indonésia “não conseguiu vencer a resistência”.

Em plena campanha eleitoral, objetivando mascarar suas ações, os Estados Unidos resolveram então posar de defensores dos direitos humanos. O secretário de Estado George Schultz entregou ao governo indonésio uma petição de 123 congressistas ianques em favor dos direitos do povo maubere. Mas o governo Reagan não suspende em nenhum momento o apoio militar aos criminosos, mostrando que não passam de retórica seus enternecidos chamamentos em defesa da vida dos mauberes. (Carlos Pompe)



Os guerrilheiros da Fretilin enfrentam o terror fascista do invasor general Suharto

Leia e estude o marxismo-leninismo

A atuação dos trotskistas no PT - João Amazonas	Cr\$ 500,00
Pôr fim ao regime militar - João Amazonas	Cr\$ 200,00
Pela liberdade e pela democracia popular - João Amazonas	Cr\$ 2.000,00
O Revisionismo chinês de Mao Tsetung - João Amazonas	Cr\$ 2.000,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA - Enver Hoxha	Cr\$ 2.000,00
Discurso aos Eleitores - Enver Hoxha	Cr\$ 1.500,00
Os comunistas e as eleições - V.I. Lênin	Cr\$ 2.000,00
Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher	
Luís Moraes e textos de Marx, Engels, Lênin e Bebbel	Cr\$ 1.500,00
Revista Principios, nº 8	Cr\$ 2.000,00
Obras escolhidas de Marx e Engels, 3 volumes, o exemplar	Cr\$ 5.500,00
Sobre a literatura e a arte - Marx e Engels	Cr\$ 3.500,00
Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels	Cr\$ 2.000,00
Ideologia Alemã - Marx e Engels	Cr\$ 4.000,00
Miséria da Filosofia - Marx	Cr\$ 5.000,00
Liberdade de Imprensa - Marx	Cr\$ 3.200,00
Trabalho Assalariado e Capital - Marx	Cr\$ 1.500,00
A origem do capital - Marx	Cr\$ 4.600,00
Anti-Dühring - Engels	Cr\$ 6.550,00
Dialética da Natureza - Engels	Cr\$ 6.370,00
A origem da família, da propriedade privada e do Estado - Engels	Cr\$ 4.200,00
Materialismo dialético e materialismo histórico - Stálin	Cr\$ 2.000,00
Fundamentos do leninismo - Stálin	Cr\$ 4.100,00
Obras escolhidas de Lênin, 3 volumes, o exemplar	Cr\$ 7.500,00
O Estado e a revolução - Lênin	Cr\$ 4.800,00
O que fazer? Lênin	Cr\$ 4.800,00
Sobre os sindicatos - Lênin	Cr\$ 4.800,00
O programa agrário - Lênin	Cr\$ 4.500,00
O trabalho do Partido entre as massas - Lênin	Cr\$ 4.500,00
Esquerdismo, doença infantil do comunismo - Lênin	Cr\$ 4.600,00
Imperialismo, fase superior do capitalismo - Lênin	Cr\$ 4.100,00
Como iludir o povo - Lênin	Cr\$ 1.900,00
Princípios fundamentais do marxismo - Plekânov	Cr\$ 3.100,00
Os dez dias que abalaram o mundo - John Reed	Cr\$ 7.800,00
História da AP (da JUC ao PC do B) - A. Arantes, H. Lima	Cr\$ 6.300,00
História do PC (bolchevique) da URSS, 1º fascículo	Cr\$ 2.000,00
Socialismo na Albânia - Jaime Sautchuk	Cr\$ 6.000,00
Salário, Preço e Lucro - Marx	Cr\$ 2.600,00
Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico - Engels	Cr\$ 3.300,00

Pedidos com o valor de cada livro nominalmente em dinheiro, no cheque ou em dinheiro.
Editora Anna Garibaldi, av. Brig. Luís Antônio, 317, 4º andar, sala 43,
CEP 01317 - Fone: 34-0689 - São Paulo - SP

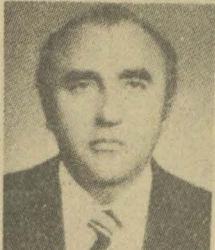
Centro de documentação Memória
Fundação Maurício Grabois

Encontro Popular do Ceará apóia o candidato único

Apoio à candidatura Tancredo Neves e exigência de medidas efetivas para superar a ditadura e a crise: foram a tônica do Encontro Popular e Democrático do Ceará, realizado sábado dia 4, em Fortaleza. Bastante movimentado, o Encontro teve a adesão das forças mais representativas do povo e da democracia na capital e no interior do Estado.

A convocatória da reunião fora assinada por mais de uma centena de representantes de entidades sindicais, populares e democráticas, personalidades e partidos políticos. Na sua preparação, o Sindicato dos Gráficos convocou assembleia geral especialmente para discutir a questão. A Frente Sindical, entidade intersindical do Ceará, reuniu-se e aprovou uma carta política encaminhada ao Encontro Popular e Democrático.

A reunião foi aberta pelo presidente regional do PMDB, senador Mauro Benevides, e dirigida pelo deputado Iranildo Pereira, presidente em exercício daquele partido, e por Benedito Bizerril. Compuseram



Iranildo Pereira

a mesa Moema San Thiago, secretária-geral do PDT, Gilse Avelar, da Comissão pela Legalidade do PC do B, Fausto Arruda, pelo MR-8, Beni Veras, coordenador do Comitê Pró-Tancredo, Tarcisio Prata, presidente do IAB-Ceará, Inácio Arruda, de Federação de Bairros e Favelas, Mariano Araújo, pela Frente Sindical, Gustavo Albertom do DCE da UFC e Ana Edith, do Centro Popular da Mulher.

A entrada, o plenário e as galerias da Assembleia Legislativa, on-

de se realizou o ato, estavam cobertos de faixas e cartazes. Um grande número de oradores ocupou a tribuna, todos manifestando a esperança de que o candidato das oposições dê passos para tirar o país do atoleiro em que foi mergulhado pelos generais corruptos, incompetentes e entreguistas.

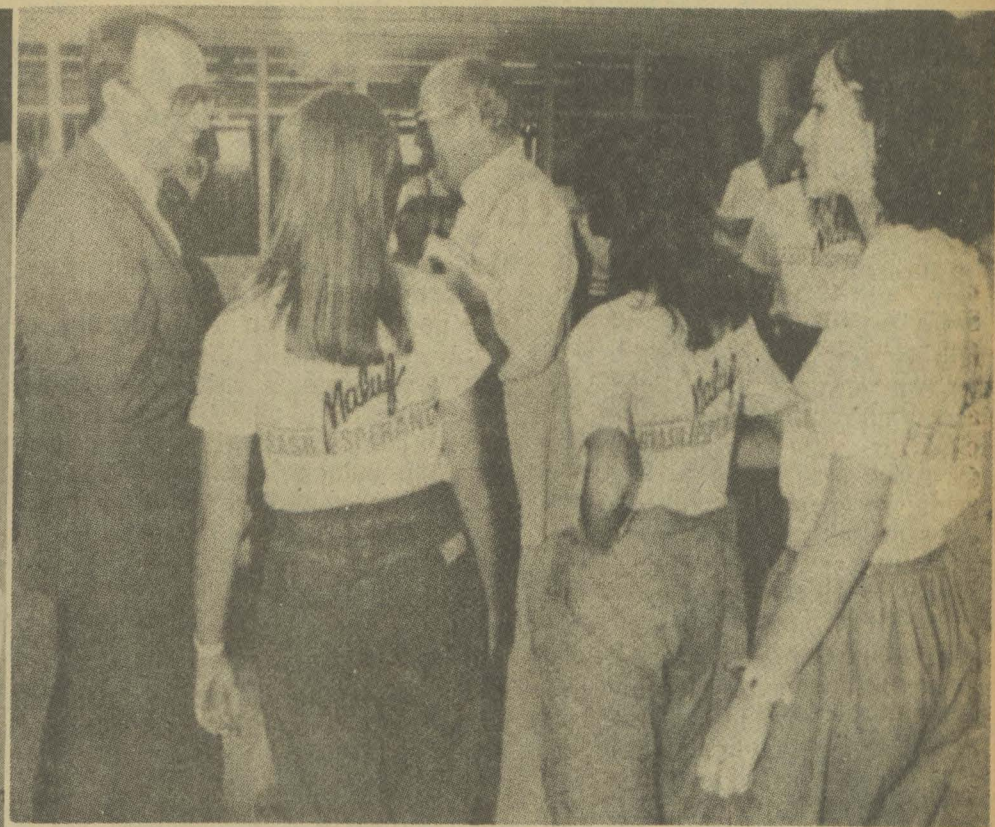
CONCLAMAÇÃO A TODOS

Foi tirada uma comissão para elaborar o documento final do Encontro e entregá-lo pessoalmente ao Governador Tancredo Neves. A "Carta de Agosto", da Frente Sindical, adianta já seu compromisso com "uma Assembleia Constituinte livre e soberana em 1986", "eleições livres e diretas em todos os níveis" e "suspensão dos pagamentos relativos à dívida externa com tratamento soberano da negociação desta". E acrescenta: "Conclamamos a todos os trabalhadores e demais segmentos democráticos da nação a se organizarem na luta pela concretização dos objetos propostos, pois temos consciência de que dependerá da nossa mobilização e participação organizada a efetivação destas exigências".

Entre os parlamentares presentes ao Encontro estavam os deputados Baiano de Andrade, Barros Pinho, Luís Pontes e Manoel Arruda, além de dezenas de vereadores de Fortaleza e outros municípios. (da sucursal)



Foto: Antonio Ribeiro



Andreazzetes e Malufetes, classificadas segundo sua "especialidade", atacam a preocupação das esposas dos deputados governistas

Convenção do PDS: vale tudo na orgia da corte brasileira

O dinheiro jorra na capital do país durante os preparativos da Convenção Nacional do PDS, como há muito não ocorria mesmo numa cidade acostumada a ver de perto as orgias da corte. Vale tudo na disputa entre o continuísmo do ministro Mário Andreazza e do ex-governador paulista Paulo Salim Maluf, que usam e abusam do dinheiro público.

Além da propaganda em todos os canais de televisão (veja o quadro ao lado), os "presidenciáveis" do PDS usam anúncios nos jornais (inclusive nas primeiras páginas). Do alto dos prédios, centenas de faixas ornamentam as vias públicas, embora a propaganda política seja proibida em Brasília, argumento que tem sido reiteradamente utilizado pela repressão para perseguir opositoristas. Inscrições no asfalto e cartazes nos postes são outras peças publicitárias dos dois, que não têm a mínima vergonha de se dirigir ao povo, embora rejeitem submeter-se ao voto popular.

A GOSTO DO FREQUÊS

As despesas são absurdas. Apesar de o número de convenções não chegar a 700, os comitês do ministro e do ex-governador alugaram cerca de 1.600 apartamentos nos hotéis mais caros de Brasília. A alimentação também é gratuita para os pedessistas, assim como espetáculos, entre os quais um show com Roberto Carlos, Cauby Peixoto, Ivon Cury e Jair Rodrigues. Para chegar à capital federal os convenionais não precisam pagar nada, pois ambos os "presidenciáveis" pagam as passagens de avião, inclusive para acompanhantes. No entanto poucos desejam levar suas esposas já que o cardápio do continuísmo inclui malufetes e andreazzetes a gosto do frequê. Cada pretendente ao trono contratou um pequeno exército de moças bonitas e sensualmente vestidas, por um custo mínimo de Cr\$ 30 mil por dia e por cabeça. No esquema de Maluf as meninas estão classificadas em três níveis, de acordo com a forma como devem agradar os convenionais: há as "de estilo", as "de animação" e as "recepcionistas". A coisa chegou a um ponto que a esposa de um deputado do PDS baiano transferiu-se para Brasília,

preocupado com a ação das Malufetes.

Um jornalista de Brasília julga inclusive ter ouvido uma Malufete perguntar a um convencional: "Qual a posição que o senhor prefere para mudar de posição?". Os candidatas alugaram ainda 200 táxis em tempo integral, além de dois ônibus e dos automóveis oficiais, que usam com desenvoltura. Paulo Maluf contratou um trio elétrico. Na abertura da Convenção promove um espetáculo de danças com as Malufetes. E está pagando Cr\$ 5 milhões à escola de samba Unidos do Cruzeiro, de Brasília, para colocar alguns passistas e elementos da bateria no local da Convenção.

Os cálculos mais modestos dão conta de que o ministro e o ex-governador chegam à cifra de Cr\$ 5 bilhões só com as despesas feitas em Brasília. A TV Globo estimou o custo por convencional em torno de Cr\$ 10 milhões. Mas há ainda a compra de votos, agora confirmada pelo testemunho do deputado José Lourenço, do PDS da Bahia, que denunciou ter sido procurado pelo deputado Eduardo Galil, da extrema-direita pedessista, que lhe ofereceu Cr\$ 100 milhões pelos seus dois votos na Convenção, asseverando estar "autorizado pelo Paulo (Maluf)" a fazer a indecorosa proposta.

Não falta também o recurso ao terror. Panfletos apócrifos criticando o candidato único das oposições são lançados aos milhares sobre Brasília, de aviões ultraleves. Grupos armados, compostos de policiais e até oficiais do Exército, prendem populares que ousam danificar suas faixas ou cartazes. Os representantes do regime estão, portanto, gastando o quanto podem, antes que o povo imponha sua vontade e os retire definitivamente do Palácio do Planalto.

(Fernando Tolentino, de Brasília)

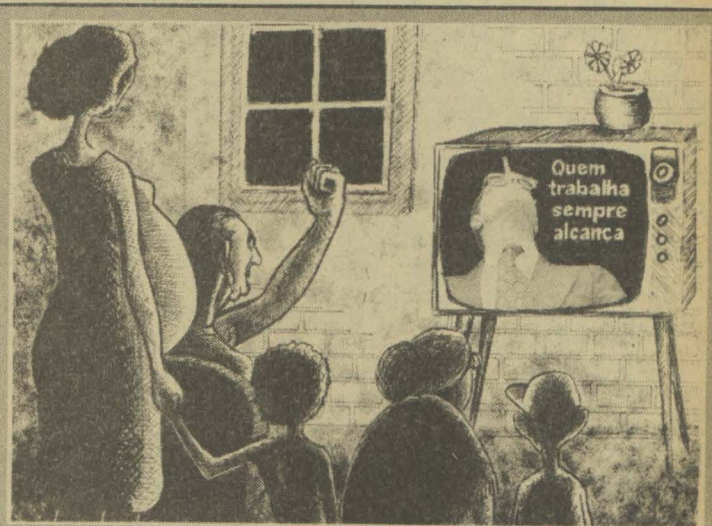
Comilança de Andreazza

Enquanto as enchentes voltam a castigar milhares de famílias em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e os salários dos funcionários gaúchos passam a atrasar, o governador Jair Soares e o ministro Mário Andreazza promoveram uma festança no Parque de Exposições de Esteio, segunda-feira, dia 6. A festa objetivava mostrar apoio popular ao presidencialável Andreazza, com participação de 12 mil pessoas, que saboreariam um arroz de carreteiro sob o original slogan de "um gaúcho na Presidência". Mas não deu certo.

Convites grátis foram distribuídos nas repartições públicas. Dezenas de ônibus estavam à disposição de quem apresentasse um ticket também gratuito e ostentando des-

caradamente o selo do banco do Estado. Ainda foram usados carros oficiais, como o ônibus chapa-branca JB-9665, da Prefeitura Bagé.

O governo que provoca a fome e a miséria de milhões de brasileiros usou a comilança para dar a impressão do apoio popular, mas dessa vez não se deu bem com a demagogia. O carreteiro, que só foi servido às 22 horas pela empresa Jomada, acabou frustrando a todos. Para se aproximar de um prato era uma verdadeira briga — dizem que para dez pessoas presentes à "homenagem" apenas duas conseguiram chegar perto do carreteiro. Os preteridos brigavam, na vã tentativa de se alimentarem. A maioria voltou frustrada à festança de Andreazza. (da sucursal)



"Quem trabalha sempre alcança? Grande piada!"

Durante uma semana, dezenas de milhões de telespectadores do Brasil inteiro assistiram a anúncios das candidaturas dos "presidenciáveis" do PDS — primeiro Paulo Maluf e, logo depois, também Mário Andreazza.

Na quarta-feira passada, os anúncios foram finalmente suspensos por decisão do Tribunal Superior Eleitoral que, por ironia do destino, invocou a famigerada Lei Falcão. Até lá, porém, os candidatos do continuísmo tiveram amplo espaço na TV, pago a preço de ouro — só a Rede Globo cobrou cerca de Cr\$ 500 milhões de Maluf. Com isso, semearam algumas ilusões, mas principalmente muita revolta. Como a reportagem da **Tribuna Operária** constatou, nem o lema aparentemente ingênuo de Maluf — "Quem trabalha sempre alcança" — teve acolhida no povo.

As margens da Via Leste ou Rodovia dos Trabalhadores, que aparece na propaganda como uma grande realização de Maluf, num pequeno boteco do paupérrimo bairro dos Pimentas, Guarulhos, o dono do estabelecimento é radical: "Eu, vendo essa propaganda só não atiro para não estragar o aparelho de TV", desabafa. E argumenta: "Quem trabalha hoje no país são os derrotados, os trabalhadores. Quem trabalha vive nos barracos, nas favelas, comendo lama. Para alcançar alguma coisa precisa ter dinheiro". Alagoano, com 21 anos em São Paulo, ele põe em primeiro lugar a necessidade de tirar o governo atual. "Na minha vontade, eu punha lá o mineiro", diz.

No extremo oposto da Grande São Paulo, em frente à gigantesca fábrica da Volkswagen de São Bernardo do Campo, as perguntas da **Tribuna** despertam viva discussão entre os metalúrgicos. "A melhor solução seriam as diretas", — diz um ferranteiro — "mas se não tem condições as diretas, o melhor, sem dúvida, é o Tancredo. O Maluf nem se fala".

Outro, do Planejamento,

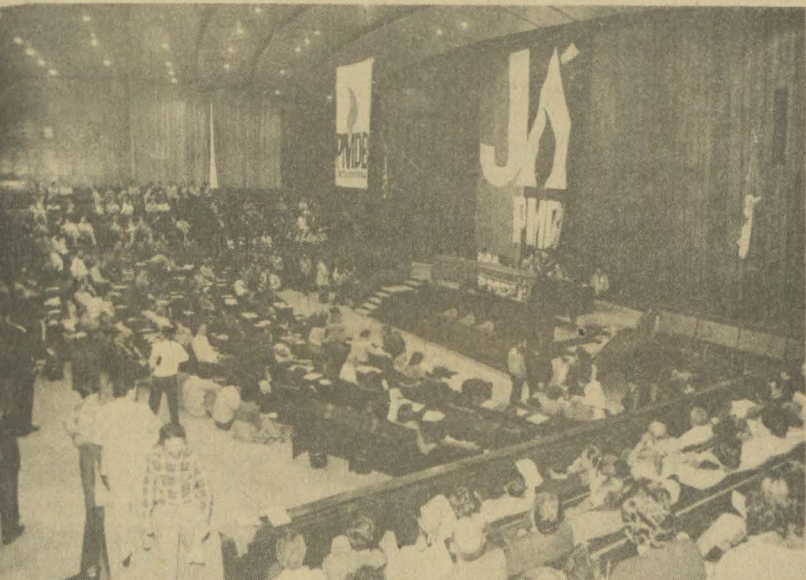
discorda disso: "Se tivesse eleição no Colégio Eleitoral e eu fosse um dos votantes, eu nem iria lá. Deixaria o Maluf ganhar. Os três são iguais".

Já Onofre, com 12 anos de operário na Volks, contesta: "Isso é burrice. O melhor seria diretas, mas se não tiver condições e se eu fosse delegado no Colégio, eu votaria no Tancredo. Entre os males o menor. Em primeiro lugar eu acho que tem que cair fora esse governo nosso atual, de qualquer maneira. Mesmo sabendo que tem sacanagem, essa combinação que houve entre eles para ter o Sarney como vice, mesmo assim eu prefiro este lado".

A polêmica prossegue, o do Planejamento de um lado, os demais de outro. Todos, porém, são contra a demagogia do "trabalhador" Paulo Maluf. Um metalúrgico com 10 anos de Volks acha "uma grande piada" a propaganda. "Se quem trabalha alcançasse" — diz — "nós não estaríamos aqui. Quem trabalha somos nós e nunca ficamos ricos. Vamos continuar trabalhando até morrer e nunca vamos ter boas condições".

Entre os trabalhadores da Eucatex, a grande indústria dos Maluf, a **Tribuna** encontrou alguns malufistas. É o caso de Marcos, comprador há oito anos na Eucatex (a parte fabril não fica em São Paulo, mas em Salto): embora ele reconheça que trabalha e não alcançou e que "a turma (da Eucatex) é mais pela oposição".

Outro da Eucatex confirma que Maluf ali não tem vez: "O pessoal da gerência, diretoria, supervisão, de uma faixa de idade de 40 ou 50 anos, esses votariam Maluf. Agora, 70% aqui não votariam. A classe jovem não votaria", — avalia. Para ele, que confessa simpatia "por aquele governador de Minas, o Tancredo", não é isso que acontece: "O Maluf alcançou porque já nasceu em berço de ouro, tendo tudo que ele queria. Se fosse um cara pobre, ele não estava lá. Não acho certa essa propaganda".



Convenção aprovou uma assembleia popular e democrática.

PMDB gaúcho aprova Tancredo para mudar

A defesa da candidatura opositorista do governador Tancredo Neves, a necessidade da mobilização popular, a crítica à imposição do nome de José Sarney para a vice-presidência e a realização de uma assembleia estadual democrática e popular para discutir o programa do candidato único das oposições foram as principais resoluções da convenção regional extraordinária do PMDB, realizada no último dia 5, em Porto Alegre.

Como contribuição ao programa, a convenção fez sugestões de grande importância: supressão imediata de toda legislação autoritária, eleições diretas em todos os níveis, combate a todas as formas de corrupção, convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana em 1986, reforma financeira que elimine os juros abusivos e outras.

O assunto mais polêmico foi em torno da indicação do vice-presidente. O documento final, aprovado por larga margem de votos, reivindica "a escolha de um candidato à vice-presidência que seja aceito por todas as oposições e forças democráticas, não desfigurando, por isso mesmo, os compromissos que em 20 anos de resistência e na grande campanha popular pelas diretas-já forjamos junto ao povo brasileiro".

O vereador Elói Frizzo, de Caxias do Sul, lembrou que "o PMDB escolheu Tancredo Neves porque este tinha livre trânsito entre as diversas forças. O mesmo se exige da Frente Liberal, que deve indicar um nome que seja aceito por todos, que não seja repudiado pelo povo e com condições de fazer uma campanha de massas".

O deputado José Fogaça sus-



Fogaça

tentou a "unidade dos setores progressistas para defender os interesses do povo. Há setores que querem tomar de assalto a candidatura Tancredo, e nós não podemos nos manter 'puros', não podemos ficar de fora. Precisamos transformar esta candidatura num instrumento para o desmantelamento do arbitrio e do continuísmo, num instrumento de luta popular, precisamos levá-la às ruas".

Odacir Klein, secretário-geral do PMDB, enfatizou que "na campanha das diretas o povo foi às ruas para dizer que queria mudanças. A candidatura Tancredo visa atender este anseio de mudanças e vai implodir o Colégio Eleitoral, desde que se posicione firmemente na defesa da Constituinte, pois um programa opositorista não pode esquecer esta bandeira para pôr fim ao autoritarismo".

A vereadora Jussara Cony acrescentou que as forças populares devem lutar por suas propostas, contrapondo-se às pressões exercidas pelos setores conservadores, de forma a tratar corretamente questões como a dívida externa, o FMI e a Constituinte". (da sucursal)

Unidade na Convenção do PMDB

Neste fim de semana, enquanto o PDS promove sua orgia continuísta, numa verdadeira briga de foice no escuro entre partidários dos seus presidencialistas, o PMDB oficializa em sua Convenção Nacional a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República e discute os pontos fundamentais que deverão fazer parte do programa mínimo das oposições.

A Convenção Nacional do PMDB será um ato eminentemente político. Muito mais do que a escolha dos seus candidatos para disputar a Presidência, a pedra de toque do encontro peemedebista é a discussão das idéias fundamentais para o programa de um governo de transição democrática. A participação organizada dos setores democráticos e populares nesta Convenção é de capital importância para se conseguir uma definição precisa do caminho a ser trilhado pelo candidato opositorista para conquistar o poder e promover as transformações exigidas pela nação.

COMPROMISSO PÚBLICO

Depois de formalizado o acordo entre o PMDB e a Frente Liberal do PDS, onde se definiram alguns pontos programáticos gerais da chamada Aliança Democrática, ficou mais nítido o caráter da candidatura Tancredo Neves. Agora há um compromisso público com a convocação de uma Constituinte em 1986, o restabelecimento das eleições diretas em todos

os níveis, a retomada do desenvolvimento econômico. Com isso o candidato das oposições avançou em direção das aspirações mais sentidas do povo brasileiro, demonstrando na prática que tem as condições de promover a transição para a democracia e derrotar o regime.

Na opinião do deputado Haroldo Lima, vice-líder do PMDB na Câmara, o compromisso firmado com a Frente Liberal do PDS apresentou aspectos extremamente positivos: "Em primeiro lugar, ao assumir abertamente as bandeiras fundamentais das oposições, com destaque para a Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, esta aliança se credencia como um veículo para encerrar o processo ditatorial imposto ao país pelo golpe de 1964. Depois, ao incorporar em seus ideais opiniões oposicionistas básicas em consequência das reiteradas reivindicações que têm sido feitas, deixa claro a justeza da linha de luta para que os compromissos sejam assumidos publicamente pela candidatura oposicionista".

De qualquer maneira, é fundamental que esses e outros pontos programáticos sejam aprovados formalmente pela Convenção do PMDB. Os setores populares devem jogar toda sua força para que a Convenção discuta um programa mínimo para o candidato. É decisiva para o futuro da candidatura Tancredo Neves e para o respaldo popular que ela precisa ganhar, a aprovação formal pelo PMDB — se não de um programa definitivo, pelo menos de algumas linhas de ação básicas, com as quais a candidatura única das oposições se comprometa. Os parlamentares que integram a chamada articulação progressista estão trabalhando neste sentido e pretendem submeter à Convenção, caso a direção do partido não o faça, uma proposta de pontos definidores da linha de ação do futuro governo Tancredo Neves.

IMPLOÇÃO DO COLÉGIO

"O compromisso firmado com a Frente Liberal forma uma correlação de forças favorável às oposições. Tudo isso indica que o governo terá uma fragorosa derrota dentro do Colégio Eleitoral e que, portanto, as eleições diretas poderão advir ante a possibilidade do próprio governo implodir o Colégio Eleitoral, sabendo que nele será derrubado. Vai ficando evidente que a melhor e mais eficiente maneira de lutar pelas diretas já é apresentar um candidato à Presidência, disposto a perseguir este objetivo", afirma o deputado Haroldo Lima.

É com esse espírito que se realiza a Convenção Nacional do PMDB, uma verdadeira festa democrática, prenúncio da futura vitória contra o arbitrio e a opressão. A presença dos setores populares nesta festa é a garantia de que dela sairá uma candidatura forte e comprometida com as exigências e aspirações do povo brasileiro. (Moacyr de Oliveira Filho, de Brasília)



Foto: J. B. Bernardes

Tancredo e Aureliano assinaram, dia 7, o "Compromisso com a Nação".

Liberais fecham o acordo com PMDB e pregam Constituinte

Numa cerimônia simples, porém muito importante, foi formalizada, no último dia 7, em Brasília, a aliança entre o PMDB e a Frente Liberal do PDS, com vistas à disputa da sucessão presidencial. Com o auditório Nereu Ramos completamente lotado, os principais dirigentes do PMDB e da Frente Liberal assinaram o documento "Compromisso com a Nação".

Desta forma ficou selado o acordo entre as duas forças e explicitado os pontos fundamentais que deverão constar no programa mínimo do candidato oposicionista à presidência da República. O documento foi assinado pelo deputado Ulisses Guimarães e pelo governador Tancredo Neves, em nome do PMDB, e pelo vice-presidente da República Aureliano Chaves e pelo senador Marco Maciel, representando a Frente Liberal.

A assinatura deste "compromisso" tem grande importância para o futuro político do país. Em primeiro lugar, porque torna irresistível a ruptura dos pedessistas dissidentes com o atual governo, garantindo por antecipação a vitória do governador mineiro sobre o candidato do continuísmo. Depois, porque deixa público o compromisso dos integrantes desta frente democrática com alguns pontos fundamentais do programa mínimo do futuro governo, vitais para a consolidação do progresso democrático. Tancredo Neves, falando como o candidato único das oposições, foi muito aplaudido ao afirmar: "O eclipse de 20 anos que mergulhou em sombras as liberdades democráticas em nosso país está chegando ao seu fim".

CONSTITUINTE LIVRE

Com a definição desses compromissos, a candidatura Tancredo tem todas as condições de ganhar as ruas e as praças, conquistar o respaldo popular e promover as transformações exigidas pela nação.

O ponto fundamental do compromisso firmado diz respeito à convocação da Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, pelo futuro governo. Tanto no texto do documento, como no discurso do governador Tancredo Neves, esta questão ficou clara. "Convocação de uma Constituinte", diz um dos itens do documento. "Não temos democracia no nosso país porque não temos constituição, mas sim uma carta outorgada pelo arbitrio. Para remediá-la é necessário que convoquemos uma Assembleia Constituinte, livre e soberana, para que o povo brasileiro, na plenitude da sua soberania, possa ditar, reunido em assembleia, o novo pacto social que deve reger o destino de nossa pátria", afirmou o governador mineiro em seu pronunciamento.

ALGUNS PONTOS CHAVES

Além deste compromisso com a Constituinte o documento assinado pelo PMDB e pela Frente Liberal contempla pontos-chaves da luta pela redemocratização do país, tais como: estabelecimento de eleições diretas em todos os níveis e representação política para o Distrito Federal; restabelecimento das prerrogativas do poder legislativo; reforma da legislação eleitoral de forma a possibilitar a formação de novos partidos, permitir as coligações partidárias e assegurar aos partidos o acesso democrático ao rádio e à televisão; adoção de medidas de

Prefeitos de SP lançam um manifesto

Os prefeitos da região metropolitana de São Paulo lançaram no dia 31 de julho um "Manifesto ao Povo", em que declaram apoio ao candidato único das oposições à Presidência, o governador mineiro Tancredo Neves, e elaboram uma plataforma "básica" que deve servir de apoio ao programa mínimo do candidato. Na plataforma, entre outros, estão contemplados temas como a convocação da Constituinte, livre e soberana, a mais ampla liberdade de organização e expressão partidária, autonomia e liberdade sindical, rompimento com o FMI com moatária unilateral, fim da política recessiva, fim do arrocho salarial, salário mínimo real e unificado, reforma tributária e reforma agrária.

PMDB paulista prefere um vice melhor

A reunião do Diretório Regional do PMDB em São Paulo, realizado no dia 6, aprovou a candidatura de Tancredo Neves para a Presidência da República no Colégio Eleitoral. A indicação de Sarney para a vice-presidência provocou grande mal-estar entre os 150 presentes, que decidiram fazer gestões para que a Frente Liberal indique um candidato com maior trânsito político e aceitação da população. Por outro lado, membros do grupo "Só-Diretas", do PMDB, como Darcy Passos e Waldir Trigo admitiram que terão de comparecer ao Colégio para evitar a vitória de Maluf.

Tancredo tem apoio do povo goiano

O candidato das oposições à Presidência da República, Tancredo Neves, recebeu no último dia 2, em Goiás, um documento de apoio à sua candidatura, entregue pelo governador Iris Rezende. Recebeu ainda dois manifestos, dos vereadores do PMDB de Goiânia e da Comissão Estadual Pela Legalidade do PC do Brasil. A Comissão pela Legalidade do PC do B sugere a Tancredo a realização de comícios em todo o país, "pois a mobilização popular é fator decisivo para pôr fim ao continuísmo". (da sucursal)

Comissão do PC do B explica ida ao Colégio

Ao explicar as razões pelas quais as oposições devem participar do Colégio Eleitoral e derrotar em qualquer campo o regime militar, o membro da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil no Espírito Santo, Fernando Mastela, foi longamente aplaudido no último 3 de agosto no Colégio do Carmo, em Vitória. Ele falou numa reunião com cerca de 300 pessoas, promovido pelo Comitê suprapartidário do Estado.

Deputado do Maranhão não aceita Sarney

O deputado estadual Luís Pedro, do Bloco Popular do PMDB do Maranhão defendeu, no último dia 3, a candidatura única das oposições em pronunciamento na Assembleia Legislativa: "A conquista de um novo regime de amplas liberdades políticas e o soterramento definitivo da atual ditadura estão na ordem do dia. Estaremos participando ativamente, com o povo nas ruas, da campanha Tancredo Neves". Luís Pedro criticou, por outro lado, o nome de José Sarney para vice-presidente: "Quem poderá esquecer a famigerada lei de terras, principal fruto do governo de Sarney no Maranhão, que desencadeou o terrível processo de grilagem e de concentração de terras dos trabalhadores rurais". (da sucursal)



Comício pelas diretas: unidade para derrubar o regime

Passarinhada do Embu é arapuca da grande imprensa

A grande imprensa reacionária e desonesta se esbalda desde o mês passado com um prato feito — o badalado "Caso da Passarinhada de Embu". Montada a arapuca, o PDS local e até o PT tratam de tirar sua casquinha ajudando a difamar o jovem prefeito Nivaldo Orlandi, eleito e apoiado pela massa proletária daquele município da Grande São Paulo.

O caso começou dia 28 de julho, quando a polícia invadiu o lugar onde realizava-se um churrasco, inclusive grande número de passarinhos assados, promovido pelo pai do prefeito. Embu tem tradição de centro de defesa da ecologia, e isso serviu de "gancho" para uma impressionante campanha de imprensa que deve ter confundido muito ecologista de boa fé.

Por trás do alarido nos jornais, rádio e TV, contudo, a realidade é bem outra. O que menos interessa à campanha em curso são os passarinhos mortos — e mesmo aí a questão é controversa, pois o prefeito garante que vai "provar na Justiça que a gente é inocente nisso". Interessa apenas enterrar uma administração oposicionista que tem mostrado rara coerência com seus compromissos eleitorais de 1982, principalmente em relação ao povo trabalhador.

APOIO EMOCIONADO

Isso ficou patente na noite de quarta-feira dia 8, quando foi votada na Câmara Muni-



Orlandi com o povo da periferia: rara coerência oposicionista

cipal de Embu o pedido de uma CPI sobre o caso. Cerca de 350 populares, emocionados e gritando palavras-de-ordem, superlotaram a Câmara para defender o prefeito. Na votação, Orlandi teve o apoio de todos os nove vereadores do PMDB, inclusive o presidente da casa, membro da Sociedade Ecológica Amigos de Embu. Do outro lado ficaram os cinco vereadores do PDS, saudosos do tempo em que mandavam no município, e também o único vereador do PT, Geraldo Cruz, usado para engrossar o caldo da ofensiva antidemocrática.

Entrevistado pela Tribuna, Nivaldo Orlandi faz questão de frisar que dá importância à ecologia e "gostaria até que não fosse, como ainda é, uma preocupação de poucos". Mas alerta que é preciso saber o que tem importância ecológica de fato. "Por exemplo — cita, a luta contra as armas nucleares:

daqui a pouco o Reagan ou o Tchernenko aperta um botão... e a gente nem vai mais poder discutir a passarinhada".

No entanto, Orlandi tem claro que não é este o problema em causa no episódio. "O problema — é que somos um município pobre, sacrificado, desempregado, explorado, mas que começa a se organizar, que não está sendo enganado por um prefeito que diz que vai resolver todos os problemas, mas está sendo estimulado a avançar na sua libertação". É este exemplo que deve ter incomodado os barões da grande imprensa.

Com 150 mil habitantes, dos quais 120 mil moram em bairros proletários, extensão da periferia de São Paulo, Embu foi bastante castigado com o episódio. Mas seu povo certamente aprendeu a conhecer melhor até que ponto pode confiar na grande imprensa.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Unidade e independência

O movimento operário e popular ainda não foi capaz de colocar em cena todo o seu potencial na luta democrática. Um dos entraves é a divisão que grassa em suas fileiras, fruto de concepções equivocadas de certas correntes que atuam no seu interior. Os reformistas, a pretexto de manter a unidade das oposições, pregam que o povo deve engolir todos os sapos e atrelar-se à política burguesa. Já os petistas, dizendo defender a independência dos trabalhadores, negam qualquer compromisso com a oposição burguesa e orientam as forças populares a marchar isoladas.

INTERESSES DISTINTOS

O regime militar encontra-se em franca degeneração e isolamento político. Mas ainda dispõe da força bruta para sustentar-se no poder. Sem somar o máximo de forças interessadas na sua derrota, é impossível ter esperanças na luta democrática. A unidade das oposições constitui por isto mesmo um instrumento indispensável para os combatentes da liberdade. Entretanto não se pode esquecer que nesta vasta frente única em formação existem interesses muito distintos.

Sem quebrar a unidade, é possível e necessário à classe operária e às camadas populares defender as suas aspirações. Unidade não quer dizer capitulação à burguesia. Para que esta frente tão ampla tome atitudes coerentes, o proletariado deve combater as concepções mais conservadoras e atrasadas e apoiar as correntes mais progressistas. Para impulsionar a luta democrática, cabe à vanguarda apoiar-se na mobilização das amplas massas. Desta forma, no curso do combate os trabalhadores ganham mais espaço político e criam melhores condições para conquistar novos avanços na situação que logo será criada com a construção de um governo democrático no país.

NÃO AO SECTARISMO

Numa atividade deste tipo, é evidente que a classe operária não pode abdicar de sua independência política e organizativa. Porém independência e sectarismo são coisas muito distintas. Os trabalhadores almejam de imediato a mais ampla liberdade política e têm como alternativa em profundidade para o sistema atual uma democracia popular em marcha para o socialismo. Não há por que abrir mão destes objetivos. Mas perseguir estes alvos não implica marginalizar-se das lutas concretas que a vida impõe. Pelo contrário. Unir-se com todos os setores oposicionistas para derrotar o governo na atual batalha sucessória é não só possível como indispensável para abrir caminho rumo ao programa do proletariado. Unidade e independência são coisas que não se excluem, e sim andam juntas e se completam.

LIÇÃO DOS COMÍCIOS

A grande lição dos comícios realizados em todo o Brasil é exatamente esta. O povo foi às ruas porque sentiu que nesta campanha das diretas-já somavam-se os mais extensos segmentos contrários ao regime. E ao participar destas manifestações unitárias, os trabalhadores levantaram suas próprias bandeiras, lutaram contra o exclusivismo, abriram espaço mesmo nos palanques que as classes dominantes tentavam monopolizar.

Agora, a campanha em torno do candidato único das oposições é a continuidade das jornadas do primeiro semestre. Está na ordem do dia combater sem quartel as concepções errôneas e tomar iniciativas para unir o povo. A burguesia não tem alternativas concretas para vencer a crise atual. Urge que a classe operária e o povo atuem no processo político e imprimam um rumo conseqüente à luta democrática. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Protesto merecido

Continuam acirrados os debates em torno da insistência da Frente Liberal em indicar José Sarney como vice-presidente de Tancredo Neves. Aureliano Chaves já afirmou que não admite vetos ao nome do senador, porque se trata de uma aliança e cada parte tem independência.

O ilustre dirigente da Frente Liberal devia ponderar que a aliança tem como objetivo pôr fim a 20 anos de prepotência e abrir espaço para uma solução democrática. Neste sentido, é inteiramente justo que os democratas protestem contra a imposição — este é o termo — de um nome que não soube conquistar a confiança do povo porque se comportou como um prestimoso servidor do regime militar e, mesmo recentemente, quando as multidões saíram às ruas exigindo eleições diretas já, teimou em sabotar as aspirações dos brasileiros.

As correntes que compõem a aliança devem manter sua independência. Mas não devem interpretar isto como “independência” em relação ao povo e em relação à democracia. Se os dirigentes da Frente Liberal mantiverem a escolha de José Sarney, aproveitando-se da circunstância de que a sucessão será feita via Colégio Eleitoral, terão em curto prazo o troco merecido. O povo já está farto de imposições antidemocráticas.

Após dois meses e meio de greve nacional, os professores e servidores das universidades federais autárquicas retomaram suas atividades. A total intransigência do MEC foi quebrada, embora poucas reivindicações tenham sido conquistadas. Este combativo movimento chama a atenção para o quadro do ensino superior no país após 20 anos de regime militar.

A Universidade vive uma crise profunda, que já vem de longa data, agravada pelos acordos com o FMI e pelo descaso do governo. Esta foi a verdadeira causa do movimento grevista, que polarizou, de um lado, aqueles que lutam pela valorização do ensino, da pesquisa científica e pela democratização do saber, e, de outro, o governo, sem o mínimo compromisso com a educação e o povo.

O descaso atinge não apenas o 3º grau mas todas as áreas educacionais. O índice de analfabetismo brasileiro é um dos mais altos da América Latina, cerca de 30%, sem considerar a parcela “alfabetizada” pelo Mobral, que em verdade não sabe ler sequer o nome.

Segundo o próprio Ministério da Educação e Cultura, são mais de 7 milhões de crianças sem escola e um índice de evasão escolar que vem crescendo de ano a ano. De 1972 a 1983, de cada mil crianças que se matricularam na primeira série, apenas 582 chegaram à segunda série.

De acordo com a Unesco, a taxa de escolarização de pessoas entre 20 e 24 anos (considerada como média de idade para frequência à Universidade) no Brasil em 1980 foi das mais baixas na América Latina, 11,9%, quando na Argentina foi de 22,2% e no Peru, 19%. Na Alemanha Ocidental, este índice foi de 27,6% e nos Estados Unidos, 57%.

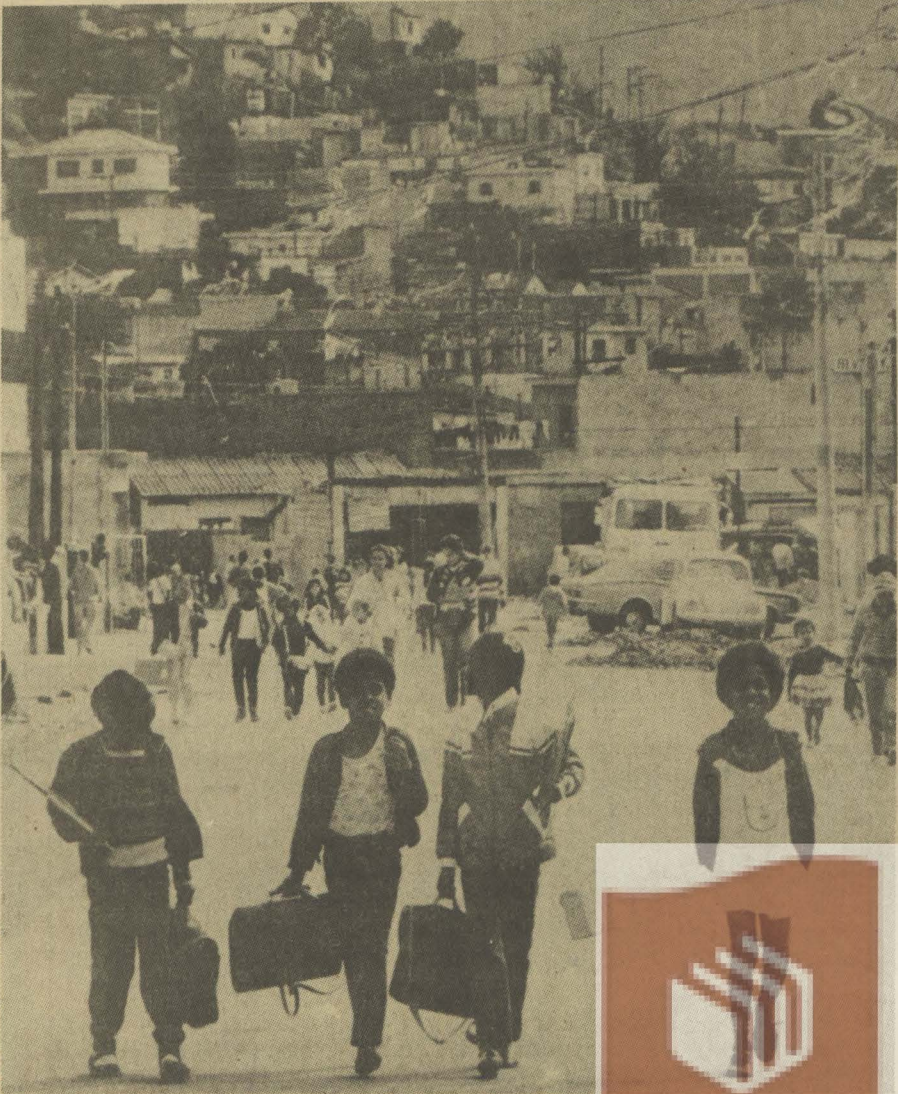
FMI reduz ainda mais verbas para educação

No que diz respeito aos investimentos, o Brasil permanecia em 1980 como um dos países de mais baixo índice de aplicação do PNB na educação. Enquanto nos EUA o percentual era de 7%, na Venezuela 5,2% e na Argentina 3,9%, aqui a taxa foi de 3,3%. E com os acordos com o FMI, impôs-se uma política de contenção que leva a profundos cortes nas verbas públicas, atingindo ainda mais rigorosamente a Uni-

A evolução do orçamento do MEC (I)

Período	Índice
1980	100
1981	113,0
1982	98,2
1983	51,6
1984	42,38 (2)
1985	33,22 (3)

- 1) Dados do Crub, em 13 de junho de 1984
2) Inclusive a suplementação de 28 bilhões
3) Inclusive extra-teto



De mil crianças que entram na primeira série, apenas 582 chegam à segunda.



Foto Milton Mendes Filho

O governo responde às reivindicações com repressão. Enquanto isto avança a deterioração das universidades.

versidade. Em 1984, a saúde e a educação sofreram um corte de 30% em seus orçamentos.

Segundo a emenda João Calmon, aprovada no Congresso Nacional, o governo teria de destinar 13% do orçamento federal somente para a educação. Entretanto, até o momento, o governo continua incluindo neste item os gastos com todas as áreas englobadas pelo MEC e reservando uma taxa muito aquém do previsto. O próprio Banco Central anunciou que só no primeiro trimestre do ano houve um excesso de Cr\$ 10,2 trilhões na arrecadação tributária. Se fosse aplicada a emenda Calmon, a educação teria direito a 1,32 trilhões. Mas a Secretaria do Planejamento prevê menos de 2% para o MEC — pouco mais de 200 bilhões.

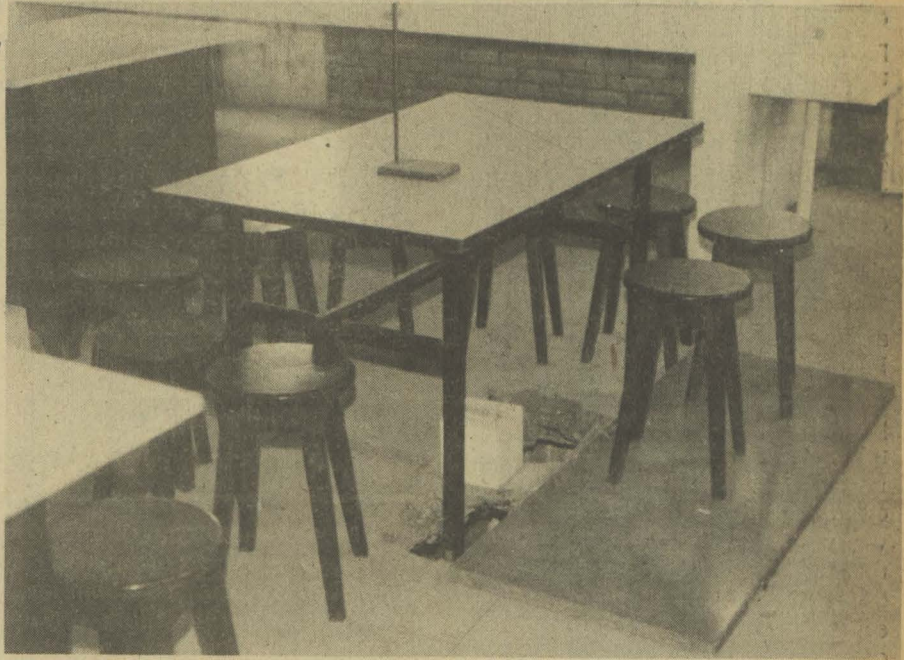
Ao assumir a pasta da Educação, em 1982, a ministra Esther Figueiredo declarou à imprensa que o problema da Universidade brasileira era a grande quantidade de estudantes, o que prejudicava a qualidade do ensino. Justificava assim uma política que restringisse ainda mais o acesso à Universidade.

O anuário estatístico da Unesco demonstra que para cada dez mil habitantes o Brasil tem apenas 111 estudantes universitários, contra 195 na Argentina, 172 no Peru, 220 na Venezuela, 204 no Equador e 134 na América Latina como um todo. No Japão 206, no Canadá 371 e nos EUA 531. E a ministra ainda acha que tem estudante demais!

O governo afirma que o modelo político e econômico pós-64 foi responsável pela abertura das portas da Universidade. É uma meia verdade.

Em todo o mundo o crescimento da população vem sendo acompanhado por um crescimento proporcionalmente maior no número de matrículas nas universidades que há 20 anos atrás.

Depois, o modelo entreguista adotado pelo regime implantado em 1964 gerou o famoso “milagre brasileiro”. Foi um período de penetração maciça das indústrias e do capital estrangeiro na nossa economia. Criou-se uma necessidade de



mão-de-obra especializada maior do que a disponível no mercado na ocasião. Abriram-se então novas universidades para atender a estes interesses. Findo o “milagre”, de desastrosas conseqüências, as multinacionais tendo abocanhado os profissionais de que necessitavam, notou-se imediatamente uma tendência para a estabilização e mesmo a redução do número de vagas nas faculdades.

Além disto, esta expansão se realizou predominantemente na rede particular. Enquanto em 1964 cerca de 75% dos estabelecimentos de ensino eram públicos, hoje 70% são particulares e apenas 30% públicos. O governo se desresponsabilizou com o ensino público e provocou a deterioração da qualidade do ensino em geral. Enquanto as universidades federais têm 316 mil alunos para 45 mil professores — incluindo as fundações —, as universidades particulares têm 888 mil alunos para apenas 51 mil professores. Sem falar que as instituições privadas contribuem com apenas 2% da pesquisa científica no país. Eis aí o crescimento de que tanto se vangloriam os generais!

Quanto ao financiamento das universidades, o quadro ainda é mais caótico. Os orçamentos das instituições autárquicas de nível superior foram de tal modo cortados, que os reitores chegaram a declarar a impossibilidade de continuar funcionando além deste mês de agosto caso não houvesse suplementação de verbas.

Orçamento não dá nem para comprar o papel

Segundo um dossiê elaborado pela Associação de Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, “o montante de recursos para custeio e manutenção atribuído ao conjunto das instituições de ensino superior em 1984, representa a ínfima parcela de 1/15 de suas reais necessidades, mesmo se excluídos os custos da expansão de atividades”.

Em função disto, cerca de 13 hospitais universitários estão praticamente fechados. O hospital da Universidade Federal de Minas Gerais anunciou publicamente o seu fechamento. O número de leitos em vários hospitais foi reduzido a zero. No hospital da UFRGS, em 1983, para uma inflação de 211% o MEC aumentou o orçamento em apenas 70%, ou seja, um terço da inflação.

O Instituto de Química da UFRJ, que atende cerca de 2 mil alunos por semestre, recebeu Cr\$ 13 milhões e 961 mil para uma despesa anual de material e consumo estimada em 136 milhões! O Núcleo de Computação Eletrônica recebeu em 1984 apenas 26 milhões para um gasto previsto de 843 milhões (só para a compra de papel a previsão é de 177 milhões). O observatório de Valongo, do Instituto de Astronomia do mesmo país que forma profissionais nesta área, recebeu 1 milhão para sua manutenção.

sendo que “só uma caixa de placas fotográficas para estudos astronômicos custa Cr\$ 546 mil. E numa noite de estudos pode-se gastar uma caixa”, como informa um professor do Instituto.

O próprio Conselho de Reitores divulgou que os recursos para custeio e manutenção foram em 1984 reduzidos para 37,4% de seu valor em 1980. E de acordo com a previsão para o ano de 1985, estes recursos representarão apenas 22% dos valores de 1980!

Já os cálculos desenvolvidos pelos docentes no início da greve demonstraram uma necessidade de suplementação para o segundo semestre de 1984 da ordem de 400 bilhões, além da verba extra concedida pelo MEC de 28 bilhões. Estes cálculos referem-se apenas às necessidades básicas, não contemplando novos e necessários investimentos em pesquisa etc.

Como conseqüência imediata desta situação de calamidade, os professores e servidores destas instituições têm presenciado os seus parques salários minguarem a cada mês. Como exigir uma boa qualidade de ensino se um professor universitário percebe 447 mil (professor auxiliar) e para sobreviver é obrigado a fazer outros “bicos”? E dos servidores, o que se pode esperar, quando 12 categorias ganhavam, até antes da greve, menos de um salário-mínimo? De janeiro de 1979 a abril de 1984, houve uma perda salarial de 167% para os servidores e 103% para os docentes.

Em relação à pesquisa científica, a situação não poderia ser pior. O governo brasileiro aplica apenas 0,2% do seu PNB em pesquisas, contra 2,5% dos países desenvolvidos.

Juntamente com o declínio anual de verbas, vem sendo implementada uma política de transformação das universidades públicas em fundações, com a participação do capital privado. De 1964 para cá, a quase totalidade das universidades federais criadas tinham este caráter. A tática oficial é levar a Universidade à asfixia, criando um quadro caótico, e depois tentar demonstrar a inviabilidade de seu funcionamento com verbas públicas.

Em 25 de junho, o governo determinou a todos os órgãos da administração pública o reexame de sua programação de trabalho para evitar solicitações de créditos extras. Pouco depois, destinava aos ministérios militares verbas suplementares de Cr\$ 611 bilhões e 570 milhões.

Esta análise muito superficial e resumida da Universidade em nosso país é mais do que suficiente para demonstrar o quanto de motivos tiveram os docentes e servidores para irem à greve, e o quanto de razões têm para continuarem lutando, junto com os estudantes, pela melhoria do ensino superior no Brasil. (Clara Araújo - ex-presidente da UNE)

CUT faz Congresso da divisão sem o apoio das bases

Nos próximos dias 24, 25 e 26, será realizado em São Bernardo o Congresso da chamada Central Única dos Trabalhadores (CUT). Sei que muitos trabalhadores honestos e combativos - companheiros do campo, principalmente - estarão participando dessa reunião sindical. São pessoas que acreditam na CUT e julgam que esse encontro servirá para fortalecer os trabalhadores e o movimento sindical no Brasil.

Sei que existem muitos sindicalistas e trabalhadores de boa vontade que pensam assim porque também eu, até há pouco tempo atrás, comungava com a opinião de que a CUT era o que existia de melhor no movimento sindical brasileiro.

Até o ano passado, quando rompi com essa concepção, eu sempre saía delegado da categoria para as reuniões da CUT, não só porque sou vice-presidente do Sindicato dos Vidreiros, mas também porque a própria categoria entendia que eu devia participar.

No entanto foi através dessa participação que percebi que essa chamada CUT é orientada, infelizmente, por concepções políticas estranhas à classe operária. Vi que o objetivo primordial dos dirigentes da CUT é o de dividir o movimento sindical.

Jogam com divisão; e brigas de cúpulas

A direção da CUT preocupa-se apenas em criticar, de forma sectária, e mesquinha até, os outros dirigentes sindicais que não rezam por sua cartilha. Apostaram na divisão e estão imbuídos da vontade de continuar dividindo.

É preciso que todos os trabalhadores vejam, entretanto, a importância da unidade de todos os explorados e oprimidos para lutar contra a exploração e a opressão, o que implica também a unidade sindical. É bobagem querer pensar que um setor só do movimento sindical vai levar a luta contra o regime militar, por exemplo. O que foi feito das duas greves gerais marcadas pela CUT?

OPINIÃO SINDICAL

Antônio Fernandes da Silva
vice-presidente do Sindicato dos Vidreiros de São Paulo

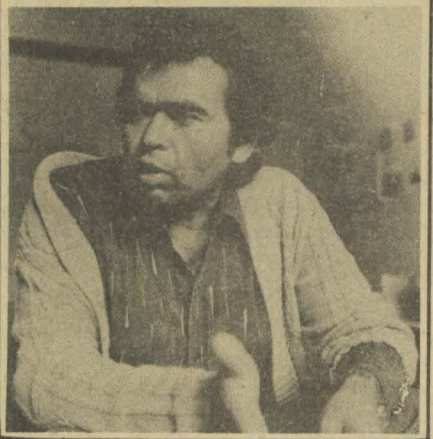


Foto: L. Carlos Leite

O que mais me preocupa, entretanto, é que o trabalho dos sindicalistas da CUT não possui raízes nas fábricas, não tem base nos centros de produção. Só existe e tem expressão entre as cúpulas e, por isso, é incapaz de responder às necessidades dos trabalhadores.

É preciso união e trabalho nas bases

A classe operária e os trabalhadores em geral precisam, antes de tudo, de união em torno dos seus interesses maiores e também de suas reivindicações mais sentidas. União para a luta contra o desemprego, pela reforma agrária, ensino e saúde para todos, legalização de todos os partidos políticos, pelo fim do regime militar.

É preciso, ao mesmo tempo, fazer de tudo, para organizar os trabalhadores na base, conscientizá-los nos locais de trabalho, levar literatura para que os operários adquiram consciência política, saibam que precisamos lutar também politicamente e, inclusive, que necessitamos criar uma verdadeira Central Única.

Precisamos de uma Central Sindical mas que seja realmente representativa, única, unitária, onde estejam todos os sindicatos, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, dos Eletricistas, dos Metalúrgicos de São Bernardo e outros. Enfim, uma entidade de todos trabalhadores.

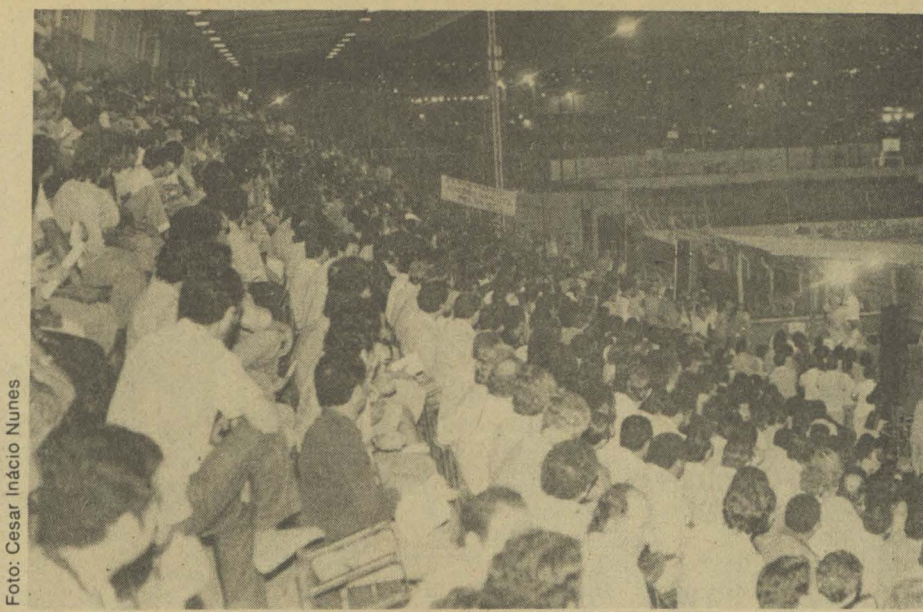


Foto: Cesar Inácio Nunes

Três mil reunidos no colégio Don Bosco

Ferrovários pressionam a Vale e obtêm vitórias

Assustada com a decisão dos ferroviários capixabas, mineiros e cariocas, de realizar uma passeata pelas ruas de Vitória em defesa de seus direitos, a poderosa Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) resolveu ceder. Vai reabrir as negociações do acordo coletivo de trabalho e já atendeu a 21 reivindicações dos trabalhadores - que continuam mobilizados.

Os ferroviários, apesar do recuo da Vale, não estão satisfeitos e exigem um reajuste salarial imediato de 30% para reposição das perdas decorrentes do arrocho decretado pelo Governo Federal. No último dia 2, eles realizaram "a maior assembleia que a categoria fez em toda sua história", reunindo três mil trabalhadores no ginásio Don Bosco, em Vitória, segundo informou o presidente do Sindicato dos Ferrovários, Alcyrr Correia.

Na assembleia, os trabalhadores também decidiram que não abririam mão da passeata, embora adiando a que estava prevista para o dia 3. Eles querem uma resposta da Vale até o dia 15. Nesse dia, farão uma nova assembleia, que avaliará o comportamento da empresa e a resposta da categoria.

LUTA VITORIOSA

A luta, entretanto, "já está dando bons resultados e podemos considerar que está sendo vitoriosa", conforme Hamilton, diretor do Departamento Social do Sindicato. A toda-poderosa Vale do Rio Doce decidiu atender às 21 reivindicações dos ferroviários depois que a imprensa japonesa publicou, no mês passado, notícias dando conta de que os empregados da empresa estavam dispostos a ir até a greve para conquistar seus direitos. "Isso

assustou os burocratas", comentou um trabalhador.

Diante da mobilização, por sinal rápida e intensa, a companhia chegou a enviar a Vitória vários de seus diretores a fim de iniciar as negociações. Os trabalhadores conquistaram piso salarial de Cr\$ 264.360,00; promoção geral em janeiro de 1985; licença-prêmio com salário atualizado, dispensa sem justa causa só com análise prévia; concessão de empréstimo de 80%; bolsa de estudo pré-primário para dependentes de funcionários; reembolso creche; opção retroativa pelo FGTS ainda no segundo semestre; revisão do plano assistencial da empresa; reclassificação das estações; correção das distorções dos valores do abono de aluguel de casa; criação de credenciamento odontológico; desconto em folha do credenciamento médico; participação dos ferroviários na análise de desemprego e outras reivindicações.

A nova diretoria do Sindicato mostrou, tanto nas negociações como na mobilização, que não pretende dar margem a que a oposição sindical petista dê curso à sua política divisionista que, ao invés de lutar contra governo e patrões, centra seu pequeno poder de fogo na diretoria da entidade, comportamento que foi repudiado pela categoria. (da sucursal)

Professores de Alagoas querem o magistério unido

Cerca de 2 mil professores alagoanos, reunidos em assembleia no último dia 3, deram uma resposta vigorosa à atitude divisionista do presidente da Associação dos Professores de Alagoas (Apal), Tito Cavalcanti. Os meses decidiram, por aclamação, manter a unidade de todas as entidades do magistério público na luta pela equiparação salarial aos demais servidores estaduais do mesmo nível, entre outras reivindicações.

Tito Cavalcanti, após assumir, no Congresso dos Professores, a unidade de todas as entidades do magistério na luta pela equiparação salarial, resolveu — sem consultar os professores — a afastar a Apal das mobilizações. Foi repudiado pela categoria na assembleia. A professora Maria Alba, uma das lideranças reconhecidas do movimento, declarou sob aplausos que "nossa luta se fortalece a cada dia com a adesão em massa de professores. A posição tomada pelo presidente da Apal não conseguiu dividir nem as entidades, nem a categoria". Os dirigentes da entidade presentes à assembleia apoiaram as reivindicações do magistério. (da sucursal)



Operários da Ficap em greve

Metalúrgicos de Americana em greve por aumento de 70%

Desde terça-feira, 31 de julho, os 185 empregados da Ficap-Elecab, empresa de material elétrico ligada à multinacional Ericsson, estão em greve. O movimento é fruto do descontentamento e revolta dos trabalhadores com as atitudes que a direção da empresa vem tomando nos últimos tempos, tentando jogar as consequências da crise nas costas dos trabalhadores. Do ano passado para cá, houve mais de 200 demissões, extinção de vários direitos conquistados, rotatividade para reduzir salários e a imposição de trabalhos extras para os funcionários.

Durante dois dias, os grevistas ocuparam a fábrica e só saíram na quinta-feira devido à pressão da empresa que recorreu ao auxílio da Polícia Militar e para evitar choques com os policiais, demonstrando o caráter pacífico da luta.

Alojados na subseção do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região, em Americana, os operários têm recebido apoio de todos os setores democráticos da cidade e suas mulheres vêm organizando pedágios nas ruas centrais para divulgar e arrecadar fundos para o movimento.

Apesar da existência de uma Comissão de Negociação, a empresa negou-se até agora a estabelecer qualquer acordo, e ameaça os grevistas com punições. Os operários continuam firmes e só voltarão com o atendimento de suas reivindicações. (da sucursal)

A Tribuna vai ter uma nova sucursal: em Americana - SP

A Tribuna Operária terá uma nova sucursal no Estado de São Paulo, na Cidade de Americana. A sede, que ficará na Avenida Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6, será inaugurada dia 11 de agosto, às 17 horas.

A Tribuna surge em Americana para contribuir na luta democrática e popular, ser um fórum de debate e participação do povo na luta pela conquista das mais amplas liberdades políticas.

Nosso jornal já tem sucursais nas capitais de quase todos os Estados do país e em diversas cidades. A nova sucursal contribuirá para que a TO possa continuar cumprindo sua proposta de ser um jornal a serviço do presente e do futuro da classe operária e do povo brasileiro.

Residentes continuam mobilizados para garantir sua vitória

Terminada a greve dos médicos-residentes, a Tribuna Operária entrevistou a presidente da Associação Nacional dos Médicos Residentes, Jandira Feghali, sobre o que representou essa luta para o conjunto da categoria.

TO — Qual o saldo da greve dos residentes?

Jandira — A vinculação do piso ao salário-mínimo, com o mínimo de três salários como piso, e mais a semestralidade de 100% do INPC e gratificação de 35% sobre estes três salários-mínimos. Tudo isto somado dá cerca de 4,1 salários. Ainda foram mantidos os 10% de compensação previdenciária... O saldo político foi a própria vitória diante de um regime que tem uma política de arrocho e intransigência com as reivindicações sociais. Isso só foi possível por termos entendido a

hora exata de negociar, sem abrir mão de princípios; termos aproveitado a divisão do partido do governo e o apoio dos parlamentares, tanto da oposição como de alguns do PDS. Além disto, o crescimento político e o fortalecimento para a continuidade da luta. A defesa da saúde como prioridade é um grande saldo organizativo, com a criação de várias novas entidades em hospitais, e até estaduais.

TO — Qual o apoio da população à greve?

Jandira — O apoio foi total. Pacientes internados em hospitais enviaram abaixo-assinados para o governo, nos dando apoio. Um outro abaixo-assinado que circulou por iniciativa da população recolheu mais de 10 mil assinaturas, e hoje o povo vê o médico como um seu aliado...

TO — Existe a possibilidade de volta à greve?

Jandira — A partir deste momento manteremos a nossa luta tanto para garantir a efetivação dos pontos conquistados, como para conseguirmos verbas para os hospitais-escolas que estão fechando por falta de dinheiro. Lutamos também em defesa do mercado de trabalho, direitos trabalhistas e conquista de um regime democrático. Isto tudo iremos discutir em nosso congresso, no mês que vem, em Belo Horizonte. Além disto, é preciso entendermos o quanto é importante uma direção clara e correta que, não abrindo mão das reivindicações e dos princípios, partiu para as negociações. Com isso abrimos diversos canais de apoio e organização, e as vitórias conquistadas propiciaram o enfraquecimento do regime e sua divisão. (da sucursal do Rio)



Favelados do Morro Dois Irmãos estão otimistas e vão continuar a luta.

Favelados se revoltam contra amigo do Golbery

Os moradores da favela Dois Irmãos deram, no dia 2 de julho, uma prova de unidade e luta para atingir os seus objetivos quando botaram abaixo 140 metros de muro da empresa Ferrat, de propriedade do sr. Antônio Sanches Galdeno, amigo pessoal do ex-ministro Golbery do Couto e Silva.

A empresa vem tentando tomar o terreno, que há mais de 40 anos é ocupado pelos moradores. Isso porque ele se localiza entre Ipanema e São Conrado, na Zona Sul do Rio, e Antônio Sanches quer construir 10 edifícios residenciais de alto luxo.

Nessa empreitada de tomar de seus legítimos donos as terras em que eles vivem, o sr. Sanches conta com o apoio de homens armados da Polícia Militar que, logo após a derrubada do muro, passaram a manter permanente vigília no local, na intenção de impedir que as 200 famílias moradoras do Morro Dois Irmãos tomem novas atitudes.

Na opinião de Dona Ana Maria, diretora de Relações Públicas da Associação de Moradores, destruir o muro foi só uma pequena amostra da disposição de luta dos moradores para garantir os seus direitos.

Na verdade, a derrubada do dia 2 foi feita em sua grande maioria pelas mulheres que, ao saber que vários homens da empresa Cap Ferrat estavam fechando o único portão do muro que dava acesso para os moradores, saíram da favela, pegaram picaretas e imediatamente começaram a demolir todo o muro que os cercava.

Na sua tentativa desesperada de tomar o terreno dos moradores, o sr. Sanches tem usado todos os métodos possíveis. A sra. Elizabete Galione, ex-presidente da Associação de Moradores do Morro, recebeu Cr\$ 60 mil para tentar convencer a todos que era inútil continuar lutando.

No entanto, nem só de corromper os outros tem sido a prática do proprietário da empresa Cap Ferrat, que vem tentando utilizar o tráfico de amizades para alcançar seus objetivos, articulando-se com pessoas do primeiro escalão do governo, como o sr. Delfim Netto, também seu amigo pessoal.

Na verdade, o que se vê é mais uma ação de covardia e violência contra o povo pobre e humilde de mais uma das centenas de favelas do Rio de Janeiro. (da sucursal)

Divisionistas manobram no Enclat gaúcho

Os trabalhadores gaúchos realizaram, nos dias 3, 4 e 5, no Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, seu mais representativo Enclat. Com a presença de 907 delegados de 11 Federações, 143 sindicatos e seis associações, o Encontro foi, contudo, prejudicado por manobra da mesa que evitou a manutenção da Central Estadual dos Trabalhadores (CET).

A manutenção da CET foi vitoriosa na maioria dos grupos do Enclat, mas na hora da votação em plenário a mesa manobrou para substituí-la por uma Comissão Coordenadora Unitária, que deverá encaminhar um plano de lutas. O divisionismo foi derrotado politicamente, porém a decisão final não contribuiu para o avanço da luta dos trabalhadores e de sua organização.

Como afirmou o metalúrgico Raul Carrion, os divisionistas impediram a manutenção da CET visando aplicar a orientação da CUT-PT que sugere a substituição das intersindicais unitárias por coordenações “sem estrutura orgânica”. Carrion denunciou que a Central divisionista aprovou resoluções nas quais afirma que “a manutenção das intersindicais unitárias não favorece a construção da CUT”...

A inoperância da CET foi o principal argumento dos divisionistas para destruí-la. Mas o líder metalúrgico José Freitas lembra que a CET fez coisas importantes, como a manifesta-

ção de 19 de março que reuniu 15 mil pessoas; o 1.º de Maio Unitário, que reuniu 10 mil pessoas em Caxias do Sul; e a greve geral de 21 de julho de 1983”. Freitas ressaltava também que “após a divisão ninguém fez nada. Nem CUT, nem Conclat, nem Federações”.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação de Pelotas, Françaol Pereira, comentou com ironia que “em nome da unidade nós criamos a CET. E agora, em nome da Unidade, querem acabar com ela”. Agenor Castoldi, coordenador da Intersindical de Ijuí, em seu pronunciamento — respaldado pelo mini-Enclat de Ijuí — protestou: “Querem destruir a entidade que fez a greve geral. Seis grupos aprovaram a manutenção da CET e agora, novamente, a cúpula quer dividir”.

Sérgio Arnoud, diretor da Federação dos Funcionários Públicos, afirmou que “a unidade é fundamental para os trabalhadores, para a luta contra o arrocho salarial, contra o desemprego. A divisão só interessa ao governo e aos patrões”. Sérgio, do Sindicato dos Metalúrgicos, lembrou que “a CET foi criada pelos trabalhadores, e querem sua manutenção”.

Françaol Pereira achou que a substituição da CET pela Comissão Coordenadora “não contribui para a unidade. Houve um retrocesso”. Mas opinião diferente têm Paulo Paim, do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, e Edir Inácio da Silva, da Federação do Vestuário, ligados à CUT. Paim afirma que “o Enclat plantou a semente da união do movimento sindical”. Edir, ferrenho opositor da CET, também pensa que “o movimento sindical ganhou com a criação da Comissão Coordenadora”.

Na discussão da sucessão presidencial, foi derrotada no plenário a proposta de boicote ao Colégio Eleitoral e aprovados a continuidade da luta pela diretas-já e o apoio à emenda Teodoro Mendes.

Dirigente da CUT de Alagoas é hóspede de Mário Andreazza

Enquanto os sindicatos mais atuantes e representativos de Alagoas caminham para seu congresso de reunificação, um grupo restrito de sindicalistas realizou no último fim de semana um “encontro de trabalhadores” com clara conotação divisionista a fim de criar, de qualquer maneira, a CUT estadual.

FALTAM BASES

Antes do encontro, um de seus articuladores, ligado ao PT, anunciava: “A CUT sai, nem que seja só com dois sindicatos”. E essa mentalidade imperou no “encontro”. Dos seis Sindicatos de Trabalhadores Rurais anunciados como “participantes”, apenas um, na realidade, estava representado. O resto eram pessoas trazidas a Maceió sem indicação de seus órgãos de classe.

Não foi divulgado o número ou nome das entidades participantes. Também não se sabe qual realizou assembleia ou reunião ampliada para eleger delegados ao “encontro”. Sabe-se que nas entidades em que essa discussão foi travada, os trabalhadores recusaram-se a enviar delegados. O resultado é que, em Alagoas, a história de “CUT pelas bases” é falsa.

Outra característica da CUT alagoana é a aliança de sindicalistas ligados ao PT com um grupo de sindicalistas no qual há os imobilistas e destacam-se

alguns reacionários. Um dos diretores da CUT-Alagoas, por exemplo, é o presidente do Sindicato dos Trabalhadores no Açúcar e da Federação dos Trabalhadores, José Fernandes. Eleitor confesso do PDS, protegido e homem de confiança do sindicato patronal e da Cooperativa dos Usineiros, foi cabo eleitoral em Alagoas de Ary Campista na última eleição da CNTI.

COM ANDREAZZA

Estreitamente ligado ao deputado federal Fernando Collor, do PDS, José Fernandes, no dia seguinte à fundação da CUT alagoana, foi encontrado em Brasília, no apartamento 404 do hotel Bristol, totalmente reservado pelo Comitê de Mário Andreazza para os convencionais do PDS e outros que desfrutam das mordomias.

José Francisco foi registrado como “deputado federal” na reserva do apartamento. Assim, não se sabe como a CUT-Alagoas justificará sua participação divisionista, suas alegações contra a participação das oposições no Colégio Eleitoral, suas acusações de “partidarização burguesa dos sindicatos”...

Também a falácia de que a CUT representa os sindicatos “combativos”, em oposição aos pelegos, é uma mentira completa diante do que ocorre em Alagoas. (da sucursal)



Assembleia do dia 6: unanimidade dos operários na aprovação da greve, que em três dias fez os patrões voltarem atrás

Greve na Monarck quebra a intransigência dos patrões

Após três dias de greve, os 3.300 operários da Monark, fábrica de bicicleta na Zona Sul da capital paulista, conseguiram quebrar a intransigência patronal. A empresa recusava-se a conceder qualquer melhoria salarial. Mas, sentindo a coesão dos grevistas, teve que recuar: cedeu 15% de antecipação salarial e adiantou o pagamento do abono de emergência. O sucesso parcial da paralisação se deveu a sua cuidadosa organização, que teve a frente o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo.

Os diretores da Monark ficaram surpresos com a determinação dos operários que, na manhã de segunda-feira, dia 6, entraram na fábrica, bateram o cartão de ponto e se concentraram no pátio da firma para participar da assembleia que decidiu pela paralisação. Não houve necessidade de piquete e nem ocorreram

incidentes. A própria chefia ficou imobilizada e não teve como pressionar os grevistas a retornarem ao trabalho.

O segredo desta disposição está na intensa preparação do movimento. Há cerca de três meses que o Sindicato dos Metalúrgicos vinha acompanhando “com carinho” a empresa: encaminhou um ofício reivin-

dando aumento salarial; realizou seis rodadas de negociações; e, o mais importante, mobilizou a base. As reuniões quinzenais na subsele de Santo Amaro contavam em média com 80 empregados da Monark, que faziam balanço da mobilização interna, setor por setor. Já os ativistas passaram a fazer um levantamento dos problemas mais sentidos pelo coletivo da firma, sempre atuando com máximo cuidado — a Monark é muito repressora; na greve de 1982 demitiu cerca de 200 pessoas que se destacaram.

SITUAÇÃO REVOLTANTE

Dentre os problemas detectados, que constavam da pauta de reivindicações, estavam várias questões menores que serviram para mobilizar os trabalhadores. “A exploração na empresa é muito revoltante”, comenta um baiano, pintor de manutenção, com quatro anos de casa. “O ambiente de trabalho é precário: a firma não cede uniforme pra ninguém, a refeição é ruim, os banheiros vivem sem condições de higiene. O pessoal que trabalha no turno da noite não tem refeitório, chega às 19:30 e sai às cinco horas da madrugada e não come nada. A faixa salarial é uma das mais baixas da região, uma mixaria, uma média de Cr\$ 180 mil por mês”.

MOMENTO OPORTUNO

A paralisação da Monark se iniciou na hora certa. A empresa está em expansão, recentemente admitiu 300 operários e conta com estoque reduzido. Na greve de 1982 a firma tentou desgastar o movimento e só negociou uma semana após sua deflagração. Agora, ela convocou imediatamente uma mesa de negociação na Delegacia Regional do Trabalho, apesar de se manter intransigente nas conversações. Na

negociação, os patrões voltaram a usar sua velha artimanha: “Só negociamos se os operários voltarem ao trabalho”. Sua proposta foi recusada na assembleia de terça-feira, dia 7. “Nós não confiamos na empresa. Ela manda a gente voltar ao trabalho, depois demite e não atende nenhuma das reivindicações. Há três meses que o Sindicato vem pressionando a firma e ela nunca concedeu nada. Por isto decidimos cruzar os braços”, comenta um cearense, há um ano e dois meses na fábrica.

A empresa também alegou, falsamente, que não tem condições de atender às reivindicações salariais: “Esse negócio que a firma está mal de saúde é pura mentira”, rebate um operário, que informa: “A empresa está ampliando, mudando todo o sistema de maquinária, modernizando-se, investindo na área construtiva. Ela recentemente comprou uma empresa que fechou em Minas Gerais e já chegaram bito carretas cheias de máquinas. Há oito meses, comprou uma firma de Diadema”, e conclui: “A Monark é um grupo poderoso. Tem fazenda em Goiás, tem filial em Manaus, tem agência de turismo. Dizer que não pode atender nossas reivindicações é sujeira”.

ELOGIOS AO SINDICATO

A ação da diretoria do Sindicato recebeu elogios dos grevistas. “O pessoal do Sindicato deu a maior força. Se não fossem os diretores, a gente não teria condições de parar”, comenta o pintor de manutenção. Outro lembra que “o pessoal do Sindicato ajudou a organizar a greve e, quando pararamos, não nos abandonou. Os diretores até dormiram aqui na porta da fábrica, vigiando a empresa pra evitar qualquer repressão”.

(Altamiro Borges)

“Acumulando forças”

Na edição passada, a **Tribuna Operária** noticiou paralizações em sete fábricas da capital, envolvendo 4.600 metalúrgicos paulistas. Nesta semana o piquete paredista continuou, com greves em mais cinco empresas: Artoc (200 operários); Progresso Metalrit (600); La Fonte (600); Pirelli (700); e Monark (3.300 trabalhadores). Em todas elas os grevistas alcançaram parcialmente seus objetivos, conseguindo antecipações salariais.

Para Eustáquio Vital, recém-eleito diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, a onda de greves mostra que “a crise”, com o desemprego que atingiu mais de 100 operários do setor, não atemoriza mais a categoria. Ela está disposta a resistir”. Vital também

ressalta que as greves evidenciam “que os operários respeitam o Sindicato, seguem sua orientação; que está conversa de duas direções sindicais, levantada por alguns divisionistas, é pura piada. Mesmo na Pirelli, onde a Chapa 2 venceu as eleições sindicais, os trabalhadores têm o sindicato como sua referência de luta e organização”.

“Mas o mais importante”, segundo Vital, “é que estas pequenas greves por fábricas preparam uma batalha maior: a campanha salarial de novembro. Elas servem para acumular forças e unir o pessoal em torno do seu órgão de classe. Se bem conduzidas, sem aventura ou cupulismo, estas pequenas paralizações resultarão numa massiva campanha salarial”.

Caxias do Sul quer Sindicato renovado

Nos próximos dias 22, 23 e 24 de agosto, realizam-se as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul. O Sindicato abrange uma base territorial de seis municípios e conta com uma categoria de 23 mil trabalhadores, sendo que cerca de 60% é constituída de jovens.

Atualmente esta importante entidade encontra-se incapacitada de servir aos interesses da classe operária por uma direção pelega, que pretende se perpetuar através da Chapa 1, encabeçada por Roberto Dutra.

Para fazer o jogo da pelegrina, surgiu também uma Chapa 3, que não tem quase nenhuma diferença em relação à Chapa 1, mas que tenta se apresentar como oposição com o propósito de ludibriar os trabalhadores. Estes farsantes empreendem tal manobra divisionista com o objetivo de tirar votos da Chapa 2, verdadeira oposição, e dar a vitória aos pelegos.

A Chapa 2, **União e Garra**

Metalúrgica, representa um amplo leque de forças que pretendem restaurar a combatividade e a representatividade do Sindicato. Engloba pessoas de diversas correntes políticas: “Não perguntamos se o companheiro pertencia a este ou aquele partido político, nem se era desta ou daquela religião, e muito menos olhamos para a raça do companheiro” — diz o jornal da chapa. — “O que nos une é a luta pelo fim da exploração, da fome e da miséria”.

Entre os componentes da Chapa 2 encontram-se líderes operários de grande prestígio, como Pedro Pozenato, membro da Intersindical, assim como trabalhadores que perceberam as trapaças dos pelegos e romperam com a antiga diretoria como Ênio Marques, candidato a presidente.

Os patrões, em conluio com a Chapa 1, vêm perseguindo os membros da Chapa 2. Recentemente José Altamiro de Oliveira Paim, o Zecão, foi afastado da “Marcopolo”.

UNIÃO E GARRA METALÚRGICA

CHAPA 2

CONSTRUIR UM SINDICATO FORTE, COMBATIVO E DEMOCRÁTICO

EXPERIÊNCIA, CAPACIDADE E SANGUE NOVO

DE OPOSIÇÃO

Lutas imediatas

- Contra a fome e por melhores salários.
- Pela participação dos sindicatos na administração do INPS (abaixo o Plano Paraná, que tira direitos do trabalhador há muito tempo conquistados).
- Pela igualdade de direitos dos aposentados com os trabalhadores da ativa.
- Pelo fim deste governo. Di retas!

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Funcionários do IPT em assembléia em frente à Associação da categoria realizada em julho

IPT está em luta por recuperação salarial

Nós, funcionários do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT), estamos em campanha salarial há dois meses para repor nossos salários ao nível de fevereiro do ano passado, data do 1º decreto de arrocho salarial, o 2.024.

O IPT foi criado com objetivo de desenvolver a tecnologia nacional. Mas suas atividades foram desvirtuadas, afastadas dos interesses da população, particularmente no governo Maluf, e à revelia de seus funcionários. O ex-governador

trombadinha implantou à força o famigerado Paulipetro, utilizando para isso pessoal e estrutura do IPT, gastando 500 milhões de dólares dos cofres públicos com fins eleitoreiros.

O número de funcionários do IPT caiu de 3.300 para 2.800 no último ano. E agora nos mobilizamos para pôr fim a esta situação. Aos poucos um vigoroso movimento contra o 2.065 tomou conta do Instituto. Dezenas de reuniões setoriais foram realizadas para reivindicar 100% do INPC, mais 33% de recuperação salarial,

antecipações trimestrais, 15% da folha de pagamento para reenquadramento funcional e estabilidade de 1 ano. Uma das últimas foi no Largo do Arouche, com participação do pessoal da Conesp, outra empresa estatal. No dia 3 de agosto, decretamos estado de greve em assembléia e fizemos uma caravana à Assembléia Legislativa, com cerca de 1.600 funcionários. Agora, esperamos uma resposta às nossas reivindicações, depois do apoio dos parlamentares. (S.C.A., da DEM-São Paulo, SP)

A União de Mulheres de São Paulo destacou-se no apoio à greve dos operários da Philco, 80% dos quais são do sexo feminino. Desta forma, a entidade, além de cumprir seu dever de defender os direitos dos trabalhadores, particularmente das mulheres, torna-se conhecida onde pretende crescer cada vez mais: entre as operárias e trabalhadoras.

Destacamos ainda a carta dos operários da Filtros Logan, obrigados a trabalhar sem nenhuma esperança e com o risco de serem mutilados, perdendo os dedos na prensa. Um exemplo da violência brutal do capitalismo. O patronato quer lucro e mais lucro, literalmente às custas do suor e do sangue dos que produzem. (Olivia Rangel)



Algo Cartão de Serviços passa conto-do-vigário em empregados

A Algo Cartão de Serviços é uma empresa cuja especialidade parece ser a de tirar dinheiro de desempregados desesperados. Eu mesmo fui uma das vítimas da empresa, contra quem entrei na Justiça, junto com outros companheiros lesados.

Tudo começa com anúncios nos jornais de Vitória, no Espírito Santo, oferecendo bons empregos e salários de Cr\$ 150.000,00 em média, com garantia de carteira assinada. Quando os candidatos se apre-

sentam, são submetidos a uma "aula" sobre as garantias e as maravilhas dos serviços da Algo que trabalha com um "Plano de Prestação de Serviços" oferecendo serviços de saúde, educação, lazer e outros. Depois da "aula", a primeira surpresa: a Algo vende carnês de sócio (a prestações de Cr\$ 35.000,00 e Cr\$ 15.000,00); para conseguir o emprego, o candidato é obrigado a vender um carnê (o de Cr\$ 35.000,00) em "apenas cinco horas",

ressaltando-se que não há restrições quanto à venda para parentes. É como se cada um tivesse que comprar o emprego.

E vão-se as últimas economias: eu mesma comprei um carnê e associei minha irmã aos "planos" da Algo. Voltei ao escritório esperançosa quando veio a segunda surpresa: antes do emprego, o candidato deve fazer 15 dias de experiência, que consiste na venda diária de "pelo menos três carnês".

Evidentemente ninguém sai empregado. Eu fiquei 15 dias, briguei bastante e acabei entrando na Justiça. Ai é que fui compreender por que vi uma senhora idosa, no primeiro dia, chorando e dizendo que teria de trabalhar "um mês em casa de família para ganhar Cr\$ 40.000,00" e pagar o dinheiro que tomou emprestado para comprar o carnê e ganhar o emprego.

Esperamos que a Justiça tome providências, pois não é possível que gente assim continue impune. Esse episódio mostra a todos a que ponto chega o cinismo dos grandes e a exploração e opressão dos pobres graças ao regime militar que acoberta essas falcaturas. (M.A. — Vitória, ES)



Lavradores perseguidos em Barbalha

Queremos denunciar os abusos que estão sendo cometidos pelos patrões contra os assalariados rurais e posseiros na zona rural de Barbalha.

O sr. Vicente Félix de Barros, 40 anos, informou que foi surrado 14 vezes por um violento latifundiário. Outro assalariado declarou que trabalha 17 horas por dia nos engenhos de rapadura, de segunda a sábado, para ganhar uma diária inferior a Cr\$ 5 mil. No corte de cana a diária está a Cr\$ 1.500,00.

O fazendeiro Antônio Celesti-

no, também grande comerciante em Juazeiro do Norte, mandou destruir, sem aviso prévio, o casebre em que residiam Dona Vilani (viúva), José Santana Xuna, 30 anos, e Pedro Santana (enteados). O fato ocorreu no sítio Venha-Ver, no dia 30 de junho, e não havia ordem do juiz. O casebre destruído, no valor aproximado de Cr\$ 350 mil, ficava num sítio de 10 tarefas, com muitas fruteiras, criação de galinhas e era habitado pela família há mais de 30 anos.

Os vizinhos das vítimas estão todos revoltados com aquele injustiça e vão se dirigir ao Sindicato

para que o mesmo lute pela indenização, reconstrução do casebre e volta ao antigo local de moradia.

Declarou o sr. Luís Brechó: "Estamos também lutando pelo fortalecimento do nosso Sindicato (Trabalhadores Rurais de Barbalha). Por isso, na assembléia de 8 de julho, todos votamos contra a venda da ambulância do Sindicato, proposta pelo presidente. Participaremos também do Encontro da Frente Sindical, quando levaremos uma grande delegação para Fortaleza. (um amigo da TO — Barbalha, Ceará)

Filtros Logan usa e abusa da repressão

Na metalúrgica Filtros Logan, que produz filtros para carros etc., a exploração em cima dos operários é imensa. A falta de segurança já fez com que vários companheiros ficassem sem os dedos, perdidos na prensa que faz as perfurações e formas para filtros.

A empresa nega aos funcionários o direito de terem a sua Cipa. A Comissão de Fábrica é clandestina e está lutando para ser legalizada. Faltam roupas e calçados de segurança, restaurantes para os operários etc. O que não falta é dedo-duro para perseguir os operários que querem ir ao Sindicato. É o caso do Tarcísio, Pescoço, João Gondola e o Carlos do Departamento de Pessoal.

Precisamos de liberdade para nos organizarmos. Por isso escrevemos para este jornal para denunciar nossa situação. A questão da Filtros Logan está na mesa para discussão. É urgente que todos os companheiros passem a discu-



tir como arrancar dos patrões estas justas reivindicações. Todos devem ir ao Sindicato. Podem manter um revezamento. Um dia vão três, outro dia vão outros três. Assim haverá gente da Logan todos os dias no Sindicato. Unidos conquistaremos estabilidade, comis-

são de fábrica, Cipa, 30% de aumento real e outras reivindicações importantes. Vamos à luta, companheiros, pois o tempo passa e exige a presença firme da classe operária em outras lutas também. (operários da Filtros Logan-São Paulo, SP)

União de Mulheres se destaca no apoio à greve da Philco

Durante a greve da Philco, ocorrida entre os dias 8 e 11 de julho, a União de Mulheres de São Paulo apoiou com todo empenho este movimento desde a assembléia que decidiu a paralisação.

Foram 4 dias de intensa luta do conjunto dos trabalhadores, em particular das operárias, que representam cerca de 80% daqueles 3 mil funcionários. As queixas e reclamações são muitas, mas o que determinou a greve foi a demissão de 50 funcionários na semana anterior. A partir deste fato, os operários, juntamente com o Sindicato, decidiram que a luta deveria ser centrada nos seguintes pontos: 1) estabilidade de 1 ano; 2) readmissão dos 50 companheiros; 3) comissão de fábrica; 4) creche; 5) fim das horas extras obrigatórias. No final, os trabalhadores conseguiram uma vitória, que foi a

estabilidade até 31 de dezembro.

Na ocasião, a União de Mulheres de São Paulo teve oportunidade de conversar com várias companheiras da Philco e pudemos ouvir de viva voz que "o apoio da UMSP foi decisivo para fortalecer o ânimo e a vontade de luta". Na verdade, a garra com que as mulheres entraram nessa greve deixou claro que coragem e disposição é que não faltam para a mulherada. No segundo dia da greve, quando policiais tentaram prender alguns companheiros, as trabalhadoras avançaram na polícia e não deixaram os companheiros serem presos. Mulher grávida, mãe solteira ou não, nenhuma deixou de participar ativamente no movimento. Entravam, batiam o cartão e iam para o pátio, fazendo passeatas e arastões conclamando todos a

entrarem na greve. E a grande maioria respondeu de forma afirmativa.

Nós, da União de Mulheres, levamos letras de música e cantávamos juntos. A "Mulher Rendeira" foi a mais cantada e sua letra modificada dizia muito da vida da mulher trabalhadora: "Sua jornada é dobrada/Seu salário é bem menor/Sua criança abandonada/Seu trabalho bem maior. Olê mulher rendeira/Olê mulher rendá/Tu me ensinas a fazer renda/que eu te ensino a lutar. E na máquina ela produz/Igual ao seu colega/Quando está para dar à luz/Sua vaga a firma nega".

Maria José, uma das funcionárias da Philco, resumiu todo o sofrimento que é trabalhar naquela firma, ser explorada para enriquecer ainda mais a multinacional: "A firma exige hora extra enquanto manda nossos colegas embora. Querem que a gente faça bastante hora extra para fazer estoque e aí eles podem mandar todo mundo embora. Estão desmontando as linhas para se mudar para Manaus. Uma operária sozinha está fazendo o trabalho de 4 com o salário de uma só. As mulheres fazem o mesmo serviço dos homens mas ganham salário mais baixo".

Muitas foram as companheiras que se destacaram pela sua coragem e capacidade de liderança. Registramos aqui nossa homenagem a todas elas. (Maria Amélia Teles — presidente da União de Mulheres de São Paulo)



Ditadura uruguaia é de amargar

Estas linhas que mando nesta oportunidade para o jornal Tribuna Operária são uma imagem de algumas coisas que ocorrem no Uruguai. Muitos são os brasileiros que pensam que os outros países estão numa boa, ou que a repressão é mais suave. Claro que muitos outros brasileiros estão bem informados sobre o assunto.

Vou contar certos detalhes da última visita que fiz 6 meses atrás a meus familiares no Uruguai. O desemprego assume proporções catastróficas. A população apaga as luzes e bate painéis em sinal de protesto (uma espécie de noite do barulho). E quando sai às ruas,

enfrenta os cavalos e as investidas da repressão. Eu estive 30 dias em Montevideu e recebi uma paulada na cabeça da polícia. O comício político que teve lugar no Parque dos Aliados, onde se localiza o Estádio Centenário de Futebol, foi bem melhor: não teve violência e o povo inundou as avenidas e ruas. A imprensa publicou as fotos do comício com a seguinte legenda: "Um raio de liberdade".

Gostei muito deste dia. Mas no cotidiano muitas coisas mudaram. Basta dizer que 60% dos passageiros de ônibus urbanos

andam a pé por medida de economia. Sou artesão e me dedico a fazer pinturas e brincos. No Brasil vendo meu trabalho em qualquer lugar. Mas no Uruguai não tive a mesma sorte, ninguém podia comprar, embora eu vendesse mais barato que aqui. Meus parentes muitas vezes não me escrevem por não ter dinheiro para pagar os selos. Tudo isso me faz compreender que os povos latino-americanos precisam lutar muito e urgentemente para acabar com os pesadelos provocados pela mais ignorante espécie de miséria, que é o militarismo. (Miguel Angel Infante-São Paulo, SP).

Diretor proíbe exposição da Tribuna

O diretor do Colégio Estadual de Arapiraca, Pedro Albuquerque, numa atitude fascista, exigiu a retirada do material da Tribuna Operária exposto à venda no show de férias realizado no dia 29 de julho em nossa cidade.

Procurado para dar uma explicação de sua atitude, o diretor limitou-se a dizer, sem mais delongas, o prazo de cinco minutos para a retirada do material "perigoso", que nos deixou decepcionados, pois estávamos certos da nossa presença no show, pelo tra-

balho com que contruímos para a realização do mesmo, seja vendendo ingressos, inscrevendo calouros etc.

Com essa atitude, cai por terra a máscara de "democrata" ostentada pelo diretor para iludir os estudantes e ao mesmo tempo servir de porta-voz da reação. Mais uma vez sentimos na prática o autoritarismo, a opressão e a falta de liberdade que sempre caracterizaram o regime militar e setores do PDS que procuram a todo custo libertar respaldo

A nossa sucursal, juntamente com outras entidades representativas de nossa sociedade (AMO CENTO, APAL, Comissão Pró-(UESA), repudia essa atitude antidemocrática e luta a favor de uma mudança no quadro político, econômico e social, que há de vir agora com a eleição do candidato único das oposições comprometido com as forças populares, para que fatos como esses não ocorram mais. (núcleo da TO em Arapiraca-AL)

Teatro mostra sua força no Mambembão

Realiza-se este mês em vários Estados brasileiros mais uma jornada do Mambembão, ciclo de teatro levado em sistema de rodízio par diversas cidades com grupos de várias regiões do país. Este ano participam grupos de São Paulo, Pernambuco, Brasília, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas e Rio, que se apresentarão em nove cidades.

O projeto Mambembão possibilita que grupos pequenos e desconhecidos, mas com um bom trabalho, se apresentem nos grandes centros do país, fato impossível se tentado pelo próprio grupo. Abre caminho também para um intercâmbio cultural entre diversos Estados do país.

Mas o projeto está longe de ser uma tomada de consciência do governo para uma nova política na esfera artística. Na verdade, traz à tona a completa falta de interesse oficial para o assunto.

O Mambembão só sobrevive graças à iniciativa e à vontade de funcionários dos órgãos responsáveis. Não recebe nenhum tipo de ajuda do Ministério da Educação e Cultura. Tal situação leva a que o projeto só sobreviva devido ao investimento de empresas privadas.

O Mambembão é patrocinado pela Ipiranga Petróleo S.A., dona do espetáculo. Em algumas casas de teatro onde estão em cartaz as peças do Mambembão, a estampa com o símbolo da empresa Ipiranga tem maior destaque do que o anúncio da própria peça encenada.

SONHO DE ARTISTA

Uma das peças no roteiro do projeto este ano é “Olha pro céu, meu amor”, criada e dirigida por Vital Santos. Montada pelo Grupo Feira de Teatro Popular de Caruaru, a peça conta, com uma narrativa nova e envolvente, a história de um nordestino que vai ao Rio de Janeiro buscar riqueza. Trata-se de Bom Cabelo, que sonha ser cantor e gravar com Roberto Carlos. Mas o máximo que consegue é um trabalho na construção civil, sem Carteira assinada.

A boa qualidade deste trabalho do grupo pernambucano e a utilização de uma técnica simples e popular, com o uso de boas músicas — na maioria compostas pelo próprio grupo —, mostram o quanto o teatro pode ajudar no avanço da consciência popular. Ao sairmos do teatro, nos fica a indignação com o muito que a política cultural do governo entrava o desenvolvimento de nossa arte popular. E como são nefastas a censura e as pressões econômicas que impedem o florescimento de trabalhos como o deste grupo de Caruaru.

Desde que editou o AI-5, o governo militar considera o teatro como um ato de subversão e quase tudo é proibido ou censurado. Na segunda metade da década de 70, com o crescimento do movimento popular, o teatro ganhou nova vida, com várias peças expressando os sentimentos e aspirações dos trabalhadores. Esses trabalhos se refletem nas peças que estão sendo apresentadas neste projeto Mambembão.

(Gerson Marques, Rio)

O esporte e as Olimpíadas não são criação do “american way of life”. As Olimpíadas não se realizam para expor um catálogo de patriotadas de quinta categoria. O esporte é uma herança cultural cujo único dono são os povos de todo o mundo. Aquilo que os EUA veiculam pela TV nada tem a ver com o orgulho e o carinho que o mundo tem pelo esporte.

Os atletas vão aos jogos para ali receber, com o êxito das medalhas ou não, o prêmio pela dedicação despendida em anos de treinamento. Os torcedores se comovem com o calor da competição, vibrando nas vitórias mágicas de Carl Lewis e também aplaudindo a dramática participação da suíça Gaby Andersen na maratona feminina, 37ª a atingir a reta de chegada quase duas horas após a vencedora. As Olimpíadas são um exemplo único de competição esportiva onde a glória não se restringe apenas à vitória. Qualquer atleta, de qualquer parte do planeta, fixa nela o seu mais sonhado diploma. Por mais que a comercialização capitalista e a intransigência diplomática tentem feri-los, os jogos Olímpicos não perdem o fascínio da mais nobre competição da história humana.

O esporte serve de congratamento num simples jogo de solteiros contra casados do quarteirão. É motivo de alegria e empolgação nos torneios das pequenas e grandes cidades. O esporte magnetiza multidões nos disputados Fla x Flu e paralisa o país na Copa do Mundo, nas braçadas de Pradinho e no galope de Joaquim Cruz. E é nas Olimpíadas, também em função do esporte, que todos nos sentimos cidadãos do mundo. A fidelidade às cores regionais abrem um flanco de tolerância à beleza em si da competição. A única oportunidade que poderia proporcionar um momento sincero de confraternização entre os povos. Tudo isso não porque a propaganda assim o queira e apregoe: Mas porque o esporte é um patrimônio cultural de todos os povos, acumulado ao longo de séculos de trajetória do homem dentro da história.

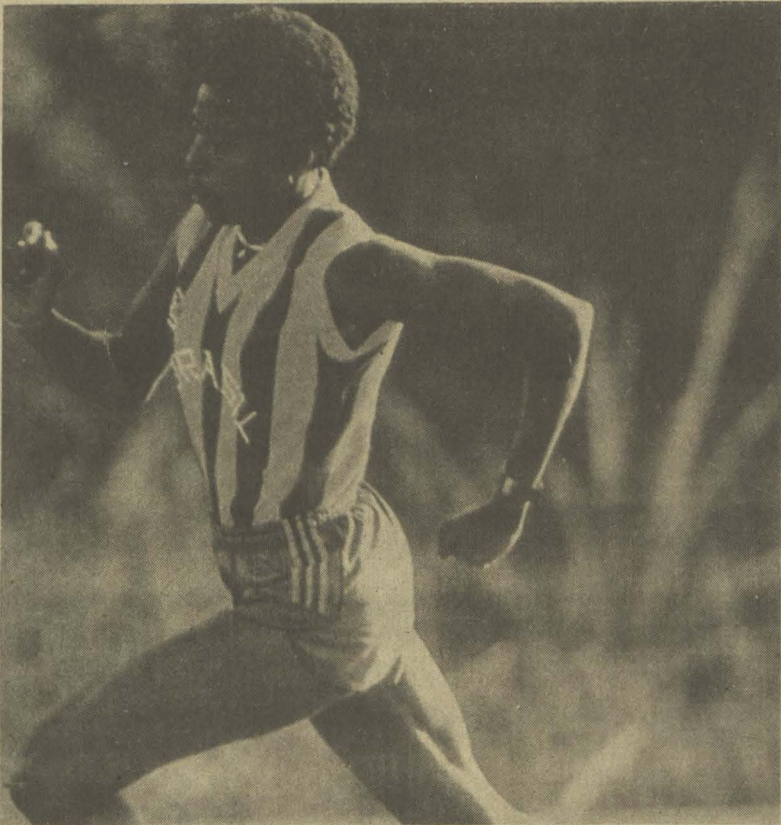
Nas disputas dos primeiros jogos da era moderna, em 1896, algumas delegações viajaram semanas de seus países

até Atenas, cidade-sede da competição. E os resultados chegavam até os ouvidos de seus compatriotas com dias de atraso. Na atualidade, os recordes caem “ao vivo” dentro da sala de todas as famílias do globo. A festa tinha tudo para ser mais bonita, na mesma proporção do avanço tecnológico alcançado no período.

APROPRIAÇÃO INDEBITA

Entretanto aqui aparece o dedo intrometido e detestável do chovinismo norte-americano. As transmissões que a rede ABC projeta com exclusividade para o mundo todo compõem um roteiro de arrogância capaz de irritar o mais tolerante dos viventes. Privilegiam as competições onde o favoritismo é das equipes norte-americanas. Interrompem a exibição de um ginasta para mostrar a vitória de um corredor norte-americano desde o momento em que este pisa o tatame até cruzar a fita. Exibem *closes* contínuos dos “super-atletas” e cortam a execução dos hinos nacionais dos segundos e terceiros colocados em pleno *podium* de medalhamento para dar uma panorâmica do Coliseu.

E como quem produz um quadro para programa de auditório, entopem o vídeo com baixarias sensacionalistas. Registram o caso do atleta que há um ano estava quase sem vida no hospital e que com muita pertinácia lutou e... “venceu”. Com todas as insinuações que o capitalismo empresta à palavra vencer. E por não estarem satisfeitos com o atleta mais veloz, o mais forçado, o mais hábil ginasta, ainda inventaram a atleta mais bonita, Mary Lou Reston, que além de contar com a complacência dos juizes das provas de ginástica, foi eleita, extra-oficialmente, a miss Olimpíada, numa bem montada farsa para superar o brilho incomparável de Nádia Comaneci em 1976. (Jessé Madureira)



Conceição Geremias não aceita ficar isolada da família



Medalha de ouro de Joaquim Cruz empolgou o país.

Já tem brasileiro treinando para as Olimpíadas de 1988

O Brasil não fez surpresas nas Olimpíadas. Embora a cobertura sensacionalista dada aos jogos, pondo nas costas de nossos atletas a responsabilidade de conquistar medalhas e mais medalhas para gáudio do ufanismo oficial, as premiações pingaram para o esporte pátrio. E nem poderia ser de outra forma, dado o absoluto descaso oficial com a prática esportiva em nossas terras — a não ser quando resultem em polpudos lucros, como acontece com o futebol e começa a acontecer com o vôlei.

Se as coisas continuarem como estão, nas próximas Olimpíadas o Brasil terá *performance* semelhante. Atualmente em São Paulo, no Giásio Vaz de Magalhães, Ibirapuera, existem cerca de 30 meninos e meninas de 13-16 anos se preparando para as próximas Olimpíadas. Afastados de suas famílias — na maioria vieram do interior do Estado —, eles permanecerão por quatro anos em constante treinamento para o atletismo. Foram pinçados dentre os milhões de brasileiros, para “defenderem a pátria” nos próximos jogos.

Sobre este assunto a **Tribuna Operária** conversou com alguns atletas que hoje estão em Los Angeles: Esmeralda de Jesus, Gerson de Andrade, Wilson Davia, Conceição Geremias e o técnico Akio Matsura. Todos estes esportistas foram desclassificados nas eliminatórias.

O técnico Akio Matsura é um entusiasta do projeto de treinamento levado à prática em São Paulo. “A iniciativa é válida. Mas não podemos ficar só com esses 30. Estamos nos preparando para daqui a quatro anos e isso é muito importante. Por enquanto só o Estado de São Paulo é que tem dado a maior força”, diz Akio, que pretende levar esse projeto para Minas Gerais.

EQUIPAR AS ESCOLAS

Mas o técnico alerta: “Temos que equipar as escolas. Todos os garotos poderiam passar por uma seletiva, não só no atletismo como em todas as modalidades, até os 15-16 anos”. Opinião semelhante tem Wilson Davia: “Só através da massificação conseguimos qualidade. Alimentação e estudo é para todo o povo. Às vezes, sem incentivo algum, aparece algum maluco



A suíça Gaby Andersen, teve seu esforço reconhecido

correndo descalço. Imagine se houvesse incentivo...”

Conceição Geremias acha que o projeto de treinamento deve ser mais aberto: “Tem muito atleta que desponta em alguma coisa, e às vezes isso não significa talento. Em certos países, os atletas são treinados desde pequenos. Não pegam as crianças e forçam em quatro anos”. A atleta também diz que não aceitaria ficar praticamente isolada da família e dos amigos por quatro anos. “Isso depende do aspecto psicológico de cada um, mas eu não me daria bem com isso.”

Já Esmeralda de Jesus aprova totalmente o projeto: “Olimpiadas não se preparam em seis meses ou um ano. Até aqui as iniciativas partiam do próprio atleta. Agora existe esse apoio. Acho a iniciativa ótima”.

Gerson de Andrade opina que “o vôlei não era nada.

Deu certo porque teve alguém de cabeça que assumiu”. Como o atletismo é uma modalidade esquecida, Gerson pensa que “agora estão começando a olhar, e nunca fizeram isso”. Em relação ao tempo que os 30 garotos permanecem alojados no Ibirapuera, Gerson diz para a **TO**: “Se eu fosse de uma família sem condições, gostaria de ficar alojado como eles estão. Se numa cidade não há material técnico, o melhor é vir para o centro e ainda poder estudar melhor. Porém, se na cidade desse menino ou menina existirem todas as condições, seria melhor psicologicamente que ele ficasse na sua cidade”.

Assim, quem sabe daqui a quatro anos 30 garotos de São Paulo participem das Olimpíadas. Trinta eleitos, dentre os pequenos brasileiros que já enfrentam o jogo da vida — subnutridos e desassistidos. (Myrian Caseiro)

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
Tel-ox: 01132133 TLOBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 185 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro - Telefone 237-8644 - CEP 69000.

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. do Cinquentário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - Juazeiro: Rua América Alves, 6-A - CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesf) - CEP 43700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70302.

CEARA - Fortaleza: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.

Tribuna Operária

ESPÍRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 28300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000. Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Cleto Nunes), Centro - CEP 29000.

GOIÁS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Formoso: Rua Emílio Póvoa, sala 4 - CEP 77200. Anápolis: Rua Desembargador Jaime, 193, sala 205 - CEP 71000.

MARANHÃO - São Luís: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.

MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000.

MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.

Fone: 224-7605 - CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadães, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.

PARÁ - Belém: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000.

PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçada - Centro - CEP 58000.

Campana Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.

PARANÁ - Curitiba: Rua Martin Alonso, 370 - CEP 87000. Londrina: Rua Sergipe, 891 - salas 7 e 8 - CEP 86100.

PIAUÍ - Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130 - 3º andar - CEP 64000.

PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigarista Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 86100.

RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alencim - CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Canale, 1891, 2º andar, fundos, CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1958, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 125, sala 20 - CEP 96100. Niterói: Rua Alvaro Alvim, nº 31, sala 1801 - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Flores, nº 2245, sala 4 - CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Costa Aguiar, 333, telefone 26345 - CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 295 - CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avelar Pires de Azevedo, 25 - 2º andar, sala 12 - CEP 16000.

Santo André: Travessa Lourenço Rondonelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Fria Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000.

São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar - sala 19 - Centro - CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100.

SERGIPE - Aracaju: Rua Araújo, 589 - CEP 49000.

ATRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorjão. Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições) ☐ Cr\$ 40.000,00
Anual comum (52 edições) ☐ Cr\$ 20.000,00
Semestral de apoio (26 edições) ☐ Cr\$ 18.700,00
Semestral comum (26 edições) ☐ Cr\$ 9.350,00
Anual para o exterior (em dólares) ☐ US\$ 70,00

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____

CIDADE: _____ CEP: _____

ESTADO: _____

PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.



Guerra contra posseiros no Pará

Duas grandes mobilizações militares causaram sérios transtornos aos posseiros do município de Viseu, no nordeste do Pará. Na região existe um dos maiores conflitos de terra do país, na Gleba Cidapar. A pretexto de procurar um grupo armado de posseiros, foi mobilizado um contingente de 160 policiais e dois helicópteros que trouxeram pânico aos moradores.

São 330 mil hectares de terra que estão em litígio na Gleba Cidapar — hoje com o nome de Propará. O conflito já dura mais de 10 anos e o caso está na Justiça. A empresa tem um exército de jagunços que se utiliza até de helicópteros armados. No último dia 1º houve mais um entrevero armado entre as duas partes, com um morto e um ferido do lado dos latifundiários. Imediatamente, a pedido da Cidapar, foi mobilizado um contingente com 160 soldados da PM e dois helicópteros da FAB para caçar os colonos. Mas estes, aproveitando-se de seu conhecimento da área, lograram escapar ao cerco.

A polícia do Estado (DOPS e PM) já vinha usando medidas repressivas no município de Viseu, desarmando e reprimindo posseiros, sem tocar nas milícias armadas dos fazendeiros. Estas arbitrariedades acirraram ainda mais os intermitentes conflitos. Os latifundiários, aproveitando-se desta impunidade, passaram a fazer listas negras de pessoas que deveriam ser assassinadas. O deputado estadual Paulo Fontelles, o advogado João Batista e os presidentes dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Viseu e Tomé-Açu eram alguns nomes que constavam desta lista. Este último foi assassinado no início de julho, mas os três jagunços que o mataram foram trucidados pela população revoltada (veja TO nº 176).

O clima na região era muito violento

Outras arbitrariedades foram cometidas pela PM nos povoados de Japim e Cristal nos dias 16 e 18 de julho. A pretexto de procurar o conhecido “justiciero” Armando Oliveira da Silva, o Quintino, os policiais invadiram casas, agredindo homens, mulheres e crianças, espancando, jogando bombas de gás lacrimogênio; uma mulher abortou.

Japim fica no quilômetro 74 da rodovia BR-316 (Pará-Maranhão) e os policiais civis e militares (cerca de 50) lá chegaram no dia 16 de julho à procura de Quintino, acompanhados por vários fazendeiros da área. As portas das casas eram arrombadas e os policiais entravam armados de metralhadoras. Benedito Tavares, conhecido por “Bené Duzentos”, foi amarrado a uma árvore e espancado. Os policiais aborda-

vam todos os colonos e tomavam qualquer arma que encontravam, fosse revólver, espingarda ou até mesmo um alicate. Fecharam todas as entradas do lugarejo e não deixavam ninguém circular pelas ruas. Os fazendeiros constantemente apontavam pessoas para os agentes da lei.

“Estes homens chegaram aqui acompanhados de bandidos. Arrebentaram a porta do meu comércio e levaram uma caixa de terçados”, denuncia indignado Raimundo Soares Correa Filho. A casa do velho Antônio Rodrigues foi invadida. Ele recorda: “Os homens remexeram por onde bem entenderam. Depois perguntaram pelo Quintino e eu respondia que não vivia na mata para saber da vida dele”.

Em Cristal, a 35 km de Japim, o procedimento da PM foi o mesmo. Muitos moradores se refugiaram nas matas com medo da repressão. Logo após, o governador Jader Barbalho enviou dois oficiais da PM para apurar as denúncias. Mas ninguém foi punido.

Colonos escapam da perseguição

Duas semanas mais tarde, estourou o conflito na localidade denominada de “Garimpo do Galdino”. A Propará se preparava para iniciar os trabalhos de mineração naquele local contra a vontade dos posseiros que avisaram que não permitiriam a entrada dos funcionários nas terras deles. A empresa não deu atenção ao alerta dos colonos, começando em julho os trabalhos. Dia 1º de agosto, no tiroteio, caiu morto um funcionário da mineradora e outro ficou ferido.

Imediatamente a Propará acusou Quintino de comandar “o ataque às instalações desta empresa”. Logo foram deslocados 160 homens da PM e dois helicópteros da FAB para cercar a área. Mas os colonos escaparam à implacável perseguição. A empresa latifundiária impediu o acesso da imprensa à sua sede. Os guardas das guaritas tinham ordens expressas: “Jornalista não entra”.

Enquanto isso, o governador Jader Barbalho foi a Brasília manter uma audiência com o ministro Danilo Venturini. Ele expôs a gravidade do assunto e colocou que tentava uma solução que não fosse a policial, “porque acreditamos que não é o melhor caminho”.

Três áreas em conflito

O aspecto principal da luta pela terra no Pará é a sua radicalização a um nível sem precedentes. Recentemente morreram 16 pessoas, evidenciando que há uma verdadeira guerra pela terra: de um lado, os posseiros, de outro, grileiros, latifundiários, agentes da Polícia Federal, soldados da PM. Os conflitos ocorrem principalmente em três áreas: no sul do Pará, envolvendo Marabá, São João do Araguaia, Conceição do Araguaia, Rio Maria e, particularmente, Xinguara; na estrada Pará-Maranhão, em Ourém e Viseu; e na estrada Belém-Brasília, em especial em São Domingos do Capim e Paragominas.

Sem dúvida é no sul do Pará que se desenvolve o maior número de conflitos. Nesta região, milhares de famílias camponesas já fizeram valer na marra seu direito à posse legal das terras, conquistando os títulos de propriedade do Getat. Apenas no distrito de São Geraldo, em Xinguara, na área pertencente à Companhia Industrial Brasileira (CIB), invadida por centenas de famílias de lavradores, já morreram mais de 20 pessoas. Corre a notícia que há cerca

de 15 dias teriam sido justicados quatro pistoleiros, jagunços de fazendeiros.

Na Pará-Maranhão, em Viseu e Ourém, na área conhecida como Cidapar, já morreram mais de 50 pessoas nos últimos meses, segundo informações das lideranças camponesas. Nesta localidade, os posseiros foram obrigados a formar grupos que andam permanentemente armados. Na Belém-Brasília, o número de mortos é menor. Foi nesta área que mais de cem lavradores cercaram algumas dezenas de soldados da PM que iam desalojá-los e os expulsaram, tocando fogo no caminhão que transportava os militares.

Impossibilitados de usarem no mesmo nível de antes a PM do Estado em sua luta contra os lavradores, os fazendeiros apelam cada vez mais para os bandos de pistoleiros, formando verdadeiras milícias particulares, armadas até de metralhadoras e helicópteros. Apesar do exército de jagunços, usado em maior número no sul do Estado, os grileiros e latifundiários não conseguem dobrar a resistência dos posseiros. (Newton Miranda)



Acima, casas vazias, resultado do medo. Ao lado, o helicóptero da repressão. E o enterro da vítima

Acima, casas vazias, resultado do medo. Ao lado, o helicóptero da repressão. E o enterro da vítima

Quintino, o “gatilheiro” da Gleba Cidapar

Quintino, 38 anos, posseiro brutalmente expulso de sua terra, projetou-se como líder dos lavradores da Gleba Cidapar, que o tratam de “justiciero”. A batalha pela terra cria lutadores espontâneos assim, simples, valentes, sem formação política, mas queridos por enfrentarem os capangas dos grileiros. Fenômenos semelhantes surgiram no cangaço nordestino, ou agora, nas periferias urbanas atormentadas pela violência.

Há casos em que tais líderes terminam sendo usados pela reação. Para servir ao povo precisam tomar consciência de que o enfrentamento com o latifúndio não pode se apoiar fundamentalmente na valentia ou em grupos isolados, exige a mobilização e organização das massas. E uma vanguarda política armada com as idéias revolucionárias da classe operária.

Reproduzimos aqui trechos da entrevista de Quintino ao repórter Paulo Roberto Ferreira, publicada originalmente em “O Liberal”.

“Eu vivo a matar essa raça ruim para ver se libero esta área. Para ver se este povo sabe trabalhar tranquilo. Para ver se este povo tem um dia de tranquilidade na vida”. É assim que raciocina “Quintino”. Ele não mais acredita que o conflito da chamada Gleba Cidapar possa ser resolvido de forma legal, por isso resolveu organizar um grupo para matar pistoleiros ou quem se atrever a barrar seu caminho.

Nas autoridades ele não acredita. “Eu já ocupei as autoridades e elas não deram jeito. Então eu estou pra dar jeito. Cansei de ficar de costa arrendendo aqueles sofás, do Tribunal de Justiça, na Central, na Segup, procurando meus direitos e eles nunca me deram. Hoje, caço meus direitos é no gatilho. E o cabra que entrar pra me perseguir eu mato”. Nem no presidente da República ele acredita. “O Governador tem boa vontade de resolver este caso, mas ele é do PMDB e o seu presidente João Figueiredo é do PDS. E o presidente Figueiredo tem raiva do pobre. Então o governador nada pode resolver porque ele se encontra um pouco fraco.”

Se no início “Quintino” andava só, hoje ele tem dezenas de homens a seguir seus passos e suas orientações. São pessoas revoltadas com as invasões de seus lotes, ameaças, torturas e até p rantes de pessoas que morreram em consequência do conflito pela posse da terra. “Eu ando com 50 homens armados, mas se quiser arranjo 200”, garante. Para manter to-

cência, pensando em ganhar dinheiro.”

“Quintino” diz que, apesar de ser o chefe da “turma do gatilho”, nem sempre dá a palavra final quando se trata de organizar uma emboscada. “Eles me atendem e eu atendo a ordem deles”, diz. “Tudo é combinado — prossegue — às vezes surge um que diz assim: Este plano aqui é melhor. Aí dá uma explicação e nós vamos fazer pelo plano dele. Firmemente eu comando o trabalho mas se eu faltar (morrer) fica gente, mais de uma centena de pessoas pra comandar no meu lugar.”

“Quintino” não se considera e nem gosta de ser chamado de “pistoleiro”. Se define como uma “gatilheiro”, melhor do que “Lampião”, o “Rei do Cangaço”. “Eu me considero até mais porque não tenho nada a ver com bravura. Eu e o povo só temos direito. E ho-

mem errado eu não apoio. Por isso, todo colono é meu amigo”, assinala. Ele esclarece que pistoleiro é aquele que é pago para matar alguém. “Nunca matei ninguém para ganhar dinheiro. Agora cabra ruim eu mato, mato sem dó. Mas cabra bom, que vive trabalhando para viver eu não mato não”, acentua.

Ele responde que só pensa em largar esta vida arriscada quando a terra estiver liberada. E garante que por dinheiro nenhum pretende sair da luta. “Se eles me derem uma Scânia (carreta) cheia de dinheiro eu não quero não. Eu já tenho do que viver. Quero é matar este pestes e dar terra pros colonos viverem tranquilos. E um dia alguém vai chegar e dizer assim: ‘Esta terra se encontrava em conflito há mais de 10 anos, mas foi liberada por um homem gatilheiro, matador de cabra safado’.”



“Quero é dar terra para os colonos”

Justifica que todos estes recursos somados ainda é muito pouco se comparado com o que o pessoal do grupo Joaquim Oliveira, ao qual pertencem as empresas Propará, Grupiá e mais sete organizações, gasta na manutenção do seu esquema de segurança. “Quintino” diz que a luta é desigual tanto em termos de armas como em número de homens. “Eles tem armas perigosas: metralhadora, fuzil, metralhadora de pé, de alça, manuais, pistolas manuais etc.” Em número de homens ele não sabe precisar, mas imagina que sejam muitos. “Eles arrajam uma, duas, três carradas de homens. Eles vêm do Ceará, de Pernambuco, do Maranhão, de Teresina por meio de ino-